

RESSALVA

Atendendo solicitação do(a) autor(a), o texto completo deste trabalho será disponibilizado somente a partir de 17/04/2022.

MATHEUS VIANA BRAZ

**DISPOSITIVOS DE PESQUISA E INTERVENÇÃO EM
SOCIOLOGIA CLÍNICA: alternativas de ação no contexto de
trabalho brasileiro**

ASSIS

2020

MATHEUS VIANA BRAZ

**DISPOSITIVOS DE PESQUISA E INTERVENÇÃO EM
SOCIOLOGIA CLÍNICA: alternativas de ação no contexto de
trabalho brasileiro**

Tese apresentada à Faculdade de Ciências e Letras de Assis – UNESP – Universidade Estadual Paulista, para obtenção do título de Doutorado Acadêmico em Psicologia no Programa de Pós Graduação em Psicologia (Área de Conhecimento: Psicologia e Sociedade).

Orientador: Prof. Dr. Francisco Hashimoto

ASSIS

2020

Dados Internacionais de Catalogação na Publicação (CIP)
Vânia Aparecida Marques Favato - CRB 8/3301

B827d Braz, Matheus Viana
Dispositivos de pesquisa e intervenção em sociologia
clínica: alternativas de ação no contexto de trabalho brasileiro /
Matheus Viana Braz. Assis, 2020
280 f. : il.

Tese de Doutorado – Universidade Estadual Paulista
(UNESP), Faculdade de Ciências e Letras, Assis
Orientador: Prof. Dr. Francisco Hashimoto

1. Sociologia clínica. 2. Saúde do trabalhador. 3. Trabalho -
Aspectos psicológicos. 4. Organização do Trabalho. I.
Título.

CDD 158.7

CERTIFICADO DE APROVAÇÃO

TÍTULO DA TESE: DISPOSITIVOS DE PESQUISA E INTERVENÇÃO EM SOCIOLOGIA CLÍNICA:
alternativas de ação no contexto de trabalho brasileiro

AUTOR: MATHEUS VIANA BRAZ

ORIENTADOR: FRANCISCO HASHIMOTO

Aprovado como parte das exigências para obtenção do Título de Doutor em PSICOLOGIA, área:
Psicologia e Sociedade pela Comissão Examinadora:

Prof. Dr. FRANCISCO HASHIMOTO
Departamento de Psicologia Social / UNESP/Assis

Prof. Dr. GUILHERME ELIAS DA SILVA
Departamento de Psicologia / UEM/Maringá

Profa. Dra. MARIA THEREZINHA LODDI LIBONI
Departamento de Psicologia / UEM/Maringá

Prof. Dr. MARCOS MARIANI CASADORE
Centro Universitário / UNIFIO/Ourinhos

Prof. Dr. MARCOS PAULO SHIOZAKI
Departamento de Psicologia / UEM/Maringá

Assis, 17 de abril de 2020

*Dedico este trabalho à
minha mãe, Luciana.*

AGRADECIMENTOS

Agradeço primeiro à minha mãe, Luciana, aos meus irmãos, Gabriel e Camila e aos meus avós, Teresa e Áureo. Sem o afeto e apoio de vocês, a construção desta tese não seria possível.

Ao meu amigo e orientador, Francisco Hashimoto, principal modelo para a construção de minha trajetória socioprofissional. As conversas que tivemos nessa última década vão muito além da academia.

À Marcela Ribeiro, que me acompanhou durante todo o doutorado. Sua empatia, incentivo e companheirismo foram determinantes nos momentos de desânimo e desgaste mental.

Ao Marcos Mariani Casadore e Guilherme Elias da Silva, que me acompanharam desde o mestrado e contribuíram novamente de forma significativa, no momento da qualificação do trabalho.

Aos meus amigos e companheiros de jornada, Abílio, Vinícius, Matheus Mancuso, Pedro e Maico. Nossas conversas despertaram reflexões fundamentais para a consolidação desta tese.

Ao Vincent de Gaulejac, mentor e amigo que me instigou a adentrar no campo das intervenções em Sociologia Clínica. Sem sua generosidade e empatia eu não teria construído as bases de minha identidade profissional.

Aos colegas do Laboratório Interinstitucional de Subjetividade e Trabalho (LIST) e do *Réseau International de Sociologie Clinique* (RISC). As discussões e reflexões que fazemos em nossos encontros alimentam minha vontade de perseverar na academia e de lutar contra toda forma de precarização do trabalho.

Aos amigos da Universidade Estadual de Maringá (UEM), em especial da área do trabalho, que me acolheram com muito afeto quando me mudei para Maringá. Gui, Fábio, Marcos, Lucas, Dani, Therezinha e Silvia, saibam que embora minha passagem pela UEM tenha sido breve, teve um significado

inestimável em minha vida. É impressionante o quanto aprendi com vocês. Muito obrigado.

Aos servidores técnico-administrativos da UNESP, em especial ao Marcos e ao João, que sempre me deram o suporte necessário durante meu percurso na pós-graduação.

Por fim, agradeço aos trabalhadores que participaram direta e indiretamente dessa pesquisa. Em cada um de nossos encontros encontrei a potência das abordagens biográficas e percebi o porquê esse trabalho vale a pena.

VIANA BRAZ, Matheus. **Dispositivos de pesquisa e intervenção em Sociologia Clínica**: alternativas de ação no contexto de trabalho brasileiro. 2020. 280f. Tese (Doutorado em Psicologia). – Universidade Estadual Paulista (UNESP), Faculdade de Ciências e Letras, Assis, 2020.

RESUMO

Este estudo consistiu em compreender as possibilidades e dificuldades de utilização de dois dispositivos de pesquisa e intervenção da Sociologia Clínica (os Grupos de Implicação e Pesquisa e o Organidrama), de modo a analisá-los como alternativas de ação no contexto de trabalho brasileiro. Mediante abordagem qualitativa, transversal e descritiva, este estudo se inscreve na modalidade de *pesquisa em serviço*, partindo da produção de conhecimentos proveniente das atividades profissionais desenvolvidas pelo pesquisador. Remete-se, portanto, a intervenções fundamentadas na Sociologia Clínica, realizadas na esfera do trabalho e das organizações, as quais foram analisadas a partir do método das *reminiscências do pesquisador*. Tais experiências contemplaram três contornos institucionais distintos, de ações em organizações privadas, conduzidas pelo pesquisador na modalidade de consultoria, de trabalhos na iniciativa pública, mediante a supervisão de estágios com discentes de Psicologia, assim como de práticas com Grupos de Implicação e Pesquisa (GIP) abertos e espontâneos, oferecidos fora de contornos institucionais delimitados. Em ambos os dispositivos, pudemos explorar as múltiplas faces dos conflitos que emergem nos grupos, compreendidos por intermédio da articulação dialética de registros econômicos, sociais, organizacionais e existenciais. As dinâmicas grupais condensam os conflitos e convidam os sujeitos a pensarem alternativas a partir de perspectivas contrárias à culpabilização e à psicologização das contradições organizacionais. Esse processo, no entanto, só é possível porque na abordagem clínica o trabalho emocional é intrincado à experiência e à reflexividade. Nesse sentido, a Sociologia Clínica oferece uma via frutífera de ação e remete à intervenção nas organizações de forma sistêmica, colocando em questão também sua estrutura coletiva e jogos de poder. Há escassos relatos na literatura nacional sobre o Organidrama e os GIP e, dentre eles, nenhum realiza uma análise pormenorizada dos pressupostos e enquadres metodológicos desses dispositivos. O presente trabalho contribui significativamente para a consolidação desse campo de estudos, considerando as particularidades do cenário de trabalho brasileiro, a partir de uma óptica sensível ao sofrimento humano, para além do realismo econômico. Além disso, os GIP e o Organidrama consideram a complexidade da lógica organizacional, ao partirem da premissa que saúde mental e trabalho devem ser compreendidos como frutos de uma miríade de fenômenos de ordem familiar, social e existencial, mas também de estruturas políticas, ideológicas e

gestionárias. Seus diferenciais residem na superação do paradigma hegemônico e individualizante de ação, pelo fato que as intervenções em situações de mal-estar, conflitos e sofrimento no trabalho se dão condicionalmente em grupo e/ou no espaço de trabalho.

Palavras-Chave: Sociologia Clínica e Psicossociologia; Intervenção no Trabalho; Intervenção nas Organizações; Organidrama; Grupo de Implicação e Pesquisa;

VIANA BRAZ, Matheus. **Research and intervention devices in Clinical Sociology: action alternatives in the Brazilian work context.** 2020. 280f. Thesis (Doctorate's degree in Psychology). São Paulo State University (UNESP), School of Sciences, Humanities and Languages, Assis, 2020.

ABSTRACT

The purpose of this study is to understand the difficulties and possibilities of using two research devices and intervention in Clinical Sociology (the Implication and Research Groups and the Organidramme), in order to analyze their viability as alternatives in the Brazilian work context. Through a qualitative, transversal and descriptive approach, this study is part of the in-service research modality, starting from the production of knowledge from the professional activities developed by the researcher. Therefore, refer to interventions based on Clinical Sociology, carried out in the sphere of work and organizations, which were analyzed using the researcher's reminiscence method. These experiences included three distinct institutional outlines: private organizations, conducted by the researcher in the form of consultancy; work in the public initiative, through the supervision of internships with Psychology students; Research and Implication Groups (RIG) practices, open and spontaneous, offered outside institutional space. In both devices, we were able to explore the multiple faces of conflicts that emerge in groups, understood through the rational articulation of economic, social, organizational and existential records. Group dynamics condense conflicts and invite subjects to think about alternatives from perspectives contrary to the blaming and psychologizing of organizational contradictions. This process, however, is only possible because in the clinical approach, emotional work is intricate to experience and reflexivity. In this sense, Clinical Sociology offers a fruitful course of action and refers to intervention in organizations in a systemic way, also questioning their collective structure and power games. There are few reports in the national literature on the Organidramme and the RIG, among them, none carries out a detailed analysis of the assumptions and methodological frameworks of these devices. The present work contributes significantly to the consolidation of this field of studies, considering the particularities of the Brazilian work scenario, from a perspective sensitive to human suffering, in addition to economic realism. Also, the RIG and the Organidramme consider the complexity of the organizational logic, based on the premise that mental health and work must be understood as the fruit of a myriad of family, social and existential phenomena, but also of political, ideological and social structures. Its differentials lie in overcoming the hegemonic and individualizing paradigm of action, due to the interventions in situations of malaise, conflicts and suffering at work occur conditionally in groups and / or in the workplace.

Keywords: Clinical Sociology and Psychosociology; Intervention at work; Intervention in Organizations; Organidramme; Implication and Research Group.

VIANA BRAZ, Matheus. **Dispositifs de recherche et d'intervention en sociologie clinique**: alternatives d'action dans le contexte de travail brésilien. 2020. 280f. Thèse (Doctorat en Psychologie). Université d'État de São Paulo, Faculté des Sciences et des Lettres, Assis, 2020.

RÉSUMÉ

Cette étude a eu pour but de comprendre les possibilités et les difficultés d'utilisation de deux dispositifs de recherche et d'intervention en sociologie clinique (les Groupes d'Implication et de Recherche et l'Organidramme), afin d'analyser leur viabilité comme alternatives d'action dans le contexte de travail brésilien. À travers une approche qualitative, transversale et descriptive, cette étude s'inscrit dans la modalité de recherche en service, en partant de la production de connaissances issue des activités professionnelles développées par le chercheur. Il s'agit des interventions basées sur la sociologie clinique, menées dans le domaine du travail et des organisations, qui ont été analysées à l'aide de la méthode des réminiscences du chercheur. Ces expériences comprenaient trois cadres institutionnels différents : des actions dans les organisations privées, menées par le chercheur sous la forme de conseil, des travaux à l'initiative publique, à travers la direction de stages avec des étudiants en psychologie, ainsi que des pratiques avec des Groupes d'Implication et de Recherche (GIR), ouverts et spontanés, offerts en dehors des frontières institutionnelles définies. Dans les deux dispositifs, nous avons pu explorer les multiples visages des conflits qui émergent dans les groupes, compris à travers l'articulation dialectique des enjeux économiques, sociaux, organisationnels et existentiels. Les dynamiques groupales condensent les conflits et invitent les sujets à réfléchir sur des alternatives sous des angles contraires à la culpabilité de soi et à la psychologisation des contradictions organisationnelles. Ce processus n'est cependant possible que parce que dans l'approche clinique le travail émotionnel est intimement lié au vécu et à la réflexivité. En ce sens, la sociologie clinique offre une alternative de action fructueuse, qui invite le chercheur à intervenir de façon systémique dans les organisations, remettant en question leur structure collective et leurs enjeux de pouvoir. Il existe peu de travaux dans la littérature nationale sur l'Organidramme et le GIR et, parmi eux, aucun effectue une analyse approfondie sur des fondements et des cadres méthodologiques de ces dispositifs. Le présent travail contribue de manière significative à la consolidation de ce champ d'études, compte tenu des particularités du scénario de travail brésilien, dans une perspective sensible à la souffrance humaine, au delà du réalisme économique. De plus, le GIR et l'Organidramme considèrent la complexité de la logique organisationnelle, partant du principe que la santé mentale et le travail doivent être compris comme le produit d'une myriade de phénomènes familiaux, sociaux et existentiels, mais aussi de structures politiques, idéologiques et gestionnaires.

Ses différentiels envisagent donc le dépassement du paradigme hégémonique et individualisant de l'action, car les interventions dans les situations de malaise, de conflits et de souffrance au travail se produisent conditionnellement en groupe et / ou sur le lieu de travail.

Mots-clés: Sociologie Clinique et Psychosociologie; Intervention au travail ; Intervention dans les organisations ; Organidramme ; Groupe d'Implication et de Recherche.

LISTA DE TABELAS E FIGURAS

Figura I: Sociologia Clínica no mundo.....	143
Figura II: Sociologia Clínica e Psicossociologia no Brasil.....	150
Tabela I: Principais quadrantes temáticos da Psicossociologia e Sociologia Clínica no Brasil.....	151
Figura III: Esquema de análise de uma trajetória social.....	184
Figura IV: Grupo de Implicação e mudança. Análise das trajetórias sociais.....	211
Figura V: Proposta de variação de esquema para análise de trajetória sócio-organizacional.....	247

LISTA DE SIGLAS

- AISLF – Association Internationale des Sociologues de Langue Française
- ARIP – Association de Recherche et d’Intervention Psychosociologique
- ASA – American Sociological Association
- BNDE – Banco Nacional de Desenvolvimento Econômico
- CEGOS – Commission d’Étude Générale d’Organisation Scientifique
- CIRFIP – Centre International de Recherche, de Formation et d’Intervention en Psychosociologie
- CLT – Consolidação das Leis de Trabalho
- CND – Conselho Nacional de Desestatização
- CNP – Conselho Nacional de Petróleo
- CNRS – Centre National de Recherche Scientifique
- CSN – Companhia Siderúrgica Nacional
- DSR – Descanso Semanal Remunerado
- FAPESP – Fundação de Amparo à Pesquisa do Estado de São Paulo
- FMI – Fundo Monetário Internacional
- FGV – Fundação Getúlio Vargas
- GACSR – Greek Association of Clinical Social Research
- GIM – Grupos de Implicação e Mudança
- GIR – Groupe d’Implication et de Recherche
- GIP – Grupo de Implicação e Pesquisa
- GREP – Groupe de Recherche et d’Échange de Pratiques
- IISC – Institut International de Sociologie Clinique
- ISA – International Sociological Association
- JPM – Japanese Productive Model
- LCS – Laboratoire de Changement Social

LER/DORT – Lesão por Esforço Repetitivo / Distúrbio Osteomuscular relacionado ao Trabalho

OCDE – Organização para Cooperação e Desenvolvimento Econômico

OIT – Organização Internacional do Trabalho

PARS – Pôle Autonome en Recherche Sociale

QVT – Qualidade de Vida no Trabalho

RAFRAP – Rien à Faire, Rien à Perdre

RC-46 – Research Committee 46 - Clinical Sociology

RH – Recursos Humanos

RISC – Réseau International de Sociologie Clinique

UBS – Unidade Básica de Saúde

UdelaR – Universidad de la República

UEM – Universidade Estadual de Maringá

UEMG – Universidade do Estado de São Paulo

UFF – Universidade Federal Fluminense

UFMG – Universidade Federal de Minas Gerais

UFSJ – Universidade Federal de São João Del-Rei

UNAM – Universidad Nacional Autónoma de México

UNB – Universidade de Brasília

UNC – Universidad Nacional de Córdoba

UNESP – Universidade Estadual Paulista

SUMÁRIO

NARRATIVA DE VIDA E RELATO AUTOBIOGRÁFICO DE UMA TRAJETÓRIA SOCIOPROFISSIONAL.....	18
Raízes familiares e sociais: uma história laboral em questão.....	21
Trajetoira socioprofissional e a construção de uma historicidade.....	26
Sobre as primeiras experiências com os Grupos de Implicação e Pesquisa e o Organidrama.....	31
INTRODUÇÃO.....	39
1. Trabalho e emprego na hipermodernidade.....	49
1.1 Considerações históricas sobre trabalho e emprego.....	51
1.2 Globalização financeira e os impasses psicossociais do trabalho no Brasil.....	55
1.3 As novas formas de sofrimento e a divisão social do trabalho.....	59
1.4 O futuro do trabalho em xeque.....	66
2. Construção da Sociologia Clínica: reflexões históricas e epistemológicas.....	74
2.1 Sobre as fontes da abordagem clínica.....	75
2.2 Sociologia Clínica na França: história e filiações teóricas.....	88
2.3 Sociologia Clínica na América do Norte: o protagonismo dos Estados Unidos e Canadá.....	105
3. Desenvolvimento da Sociologia Clínica no mundo: proposição de um mapeamento breve.....	118
3.1 Sociologia Clínica na Europa, Ásia, África e Oceania.....	119
3.2 O projeto da abordagem clínica na América Latina.....	134
3.3 O movimento brasileiro.....	145

4. Narrativas de vida e dispositivos de pesquisa e intervenção: detalhamento dos enquadres metodológicos.....	157
4.1 Da dinâmica afetiva dos grupos à epistemologia da complexidade: a análise dialética de Max Pagès.....	158
4.2 O sociodrama de Jacob Lévy Moreno.....	164
4.3 O Teatro-Fórum de Augusto Boal.....	169
4.4 Grupos de Implicação e Pesquisa.....	178
4.5 Organidrama.....	187
5. Possibilidades de ação no contexto de trabalho brasileiro.....	194
5.1 A intervenção como processo: análise da demanda, contrato, contradições do diagnóstico e a transferência.....	196
5.2 Trabalho reflexivo e emocional nos grupos: análise de um Grupo de Implicação e Pesquisa.....	206
5.3 A construção da escuta e a implicação nas intervenções: o que é se afirmar como sujeito no trabalho?.....	222
5.4 Limites e impasses da abordagem: transmissão da Sociologia Clínica na universidade e os Grupos de Implicação e Pesquisa nas organizações.....	236
CONCLUSÃO.....	251
REFERÊNCIAS.....	258

NARRATIVA DE VIDA E RELATO AUTOBIOGRÁFICO DE UMA TRAJETÓRIA SOCIOPROFISSIONAL

*[...] O tempo andou riscando meu rosto
 Com uma navalha fina
 Sem raiva nem rancor.
 O tempo riscou meu rosto com calma
 Eu parei de lutar contra o tempo
 ando exercendo instantes
 acho que ganhei presença.
 Acho que a vida anda passando a mão em mim.
 A vida anda passando a mão em mim.
 Acho que a vida anda passando.
 A vida anda passando.
 Acho que a vida anda.
 A vida anda em mim.
 Acho que há vida em mim.
 A vida em mim anda passando.
 Acho que a vida anda passando a mão em mim.
 E por falar em sexo
 Quem anda me comendo é o tempo
 Na verdade faz tempo
 Mas eu escondia
 Porque ele me pegava à força
 E por trás.
 Um dia resolvi encará-lo de frente
 E disse: Tempo,
 Se você tem que me comer
 Que seja com o meu consentimento
 E me olhando nos olhos
 Acho que ganhei o tempo
 De lá pra cá
 Ele tem sido bom comigo
 Dizem que ando até remoçando
 (Viviane Mosé)*

Neste primeiro tópico, apreendido como uma apresentação do trabalho de tese subsequente, prescindirei brevemente da convenção acadêmica do *nós* para escrever na primeira pessoa do singular. Uma vez que o presente trabalho é permeado por reflexões sobre modalidades de intervenção centradas nas narrativas de vida, penso ser coerente iniciar este texto com um relato autobiográfico sobre minha trajetória de vida, meus encontros com a Sociologia Clínica e minhas escolhas socioprofissionais. Na esteira das contribuições de Devereux (1967/1980), acredito que a reflexividade subjetiva biográfica se coloca como condição hermenêutica fundamental ao trabalho de produção de

conhecimento sobre os sujeitos nas ciências sociais. Nesse sentido, complementa o autor,

uma ciência do comportamento autêntica existirá quando aqueles que a praticam se derem conta que uma ciência realista da humanidade só pode ser criada por homens que são mais conscientes de sua própria humanidade, precisamente quando a colocam totalmente em prática em seu trabalho científico (DEVEREUX, 1967/1980, p. 21¹).

Na clínica narrativa “[...] jamais se trata o ser humano como uma ferramenta, um instrumento, uma variável, mas como um sujeito capaz de enunciar um saber sobre sua própria existência e sobre sua história” (GAULEJAC, 2012, p.260²). Nesse sentido, entendo que a reflexividade biográfica e a construção escrita de sua própria história, constituem vetores elementares no processo de formação de um pesquisador precavido a não cair nas armadilhas de dominação dos paradigmas objetivantes e instrumentalistas de produção de conhecimento.

Espero também que esse intento desperte no leitor o interesse na imersão sobre sua própria história, para que possa exercitar sua potencialidade de *biografização* (NIEWIADOMSKI, 2012, p. 33), ou seja, para que busque compreender as contradições das multideterminações que condicionam (porém que não decidem) suas escolhas, afetações, comportamentos e os modos como enfrenta seus conflitos, na esfera pessoal como na profissional.

Ao longo da história da humanidade, é notável como os seres humanos são afeitos a contar histórias. Da infância à velhice, no teatro, em livros, jornais, filmes, novelas e seriados, nos fascinamos por romances mais ou menos fantasiosos. A identificação eventual por alguma trama, enredo ou personagem alimenta nossas fantasias, nosso mundo anímico e nos proporciona experiências que vão além da racionalidade de nossa vida cotidiana. Nessa perspectiva, o filme *O fabuloso destino de Amélie Poulain* (2001), dirigido por Jean-Pierre Jeunet, retrata com sensibilidade ímpar a vida de uma jovem

¹ No original: Une science du comportement authentique existera quand ceux qui la pratiquent se rendront compte qu'une science realiste de l'humanité ne peut être créée que par des hommes qui sont les plus conscients de leurs propre humanité, précisément lorsqu'ils la mettent le plus totalement à l'œuvre dans leurs travail scientifique.

² No original: [...] ne jamais traiter l'être humain comme un outil, un instrument, une variable, mais comme un sujet capable d'énoncer un savoir sur sa propre existence et sur son histoire.

garçonete na cidade de Paris. Os sentidos de seu trabalho e seus projetos de vida não passam por feitos e sonhos excepcionais, mas se consomem mediante atos aparentemente banais de seu dia a dia. Ao telespectador, o romance da trama de Amélie Poulain oferece a possibilidade de perceber que, tal como na história da protagonista, sua própria vida também pode ser instigante. É dizer, ao espectador é dada a oportunidade de sonhar, de identificar que é na rotina e no caráter mezinho da vida que construímos nosso romance e sentido de nossa existência social.

Se faço essa observação, enfatizando a riqueza de sentidos dos aspectos ordinários de nossas vidas, é porque busco colocar o trabalho biográfico e, logo, os romances familiares, em polos diametralmente opostos ao *storytelling*³, abordagem popular e amplamente difundida no universo corporativo. Não questiono o êxito que este método alcança, no processo de conquista da atenção e identificação para com seu público, porém ele se distancia das abordagens biográficas aqui referidas pelo fato mesmo que tenta transformar as histórias de vida em propagandas ou em roteiros sedutores aos seus espectadores. Em contraposição, na clínica narrativa baseada na Sociologia Clínica não se trata de construir um imaginário ou enredo enganoso, os quais ocultam ou distorcem alguns elementos (em geral aqueles considerados “negativos” ou prejudiciais), em favor da supervalorização de conquistas e momentos de superação. Tal como na trama de Amélie, trata-se de retomar a história de vida de cada sujeito, de compreender suas vivências considerando os aspectos ordinários de suas experiências, sem que haja necessariamente vilões e heróis.

Quando me remeto à noção de história de vida, não me refiro tampouco às trajetórias sociais das pessoas como se fossem frutos de acontecimentos sucessivos, vivenciados sempre por um mesmo agente, desconectado das mudanças sócio-históricas de seu entorno. Se acreditasse nisso, estaria me submetendo às armadilhas da *ilusão biográfica*, evocada por Bourdieu (1986). Quando retorno ao meu passado, entendo que sou produto de processos

³ O *storytelling* consiste em um método de contação de histórias, baseado em técnicas inspiradas em escritores e roteiristas, cuja finalidade é transmitir ao espectador uma história e mensagem de forma inesquecível.

contínuos e ininterruptos de subjetivação. O Matheus do presente, portanto, é um sujeito substancialmente diferente daquele que vivenciou acontecimentos, frustrações e conquistas os quais acesso somente de forma retrospectiva. Não obstante, tentarei organizar meu relato a partir de uma cronologia mais ou menos coerente, mas reconheço que esse não é um empreendimento fácil. O retorno sobre a nossa história não se dá de forma linear, como se os acontecimentos e memórias fossem se encaixando como um quebra-cabeça ou em ritmos harmônicos, sincronizados uns aos outros. Ao contrário, os significados e vivências apresentados foram constituídos de forma gradual, em períodos de maior introspecção, de trabalho mais intenso sobre minha interioridade, mas que também foram acompanhados de dias (ou meses) de distanciamento, como se fosse necessário driblar e evitar o confronto com minha angústia existencial por alguns momentos.

Raízes familiares e sociais: uma história laboral em questão

Nasci em São José do Rio Pardo, uma pequena cidade no interior do estado de São Paulo, com cerca de 50 mil habitantes. Meu avô materno trabalhou toda sua vida como eletricista, em uma companhia de energia elétrica da cidade (por mais de trinta anos) e, depois de sua aposentadoria, continuou suas atividades prestando serviço como autônomo. Sua esposa, minha avó, assumia tradicionalmente a responsabilidade dos cuidados do lar. Ambos foram criados na zona rural, em condições materiais precárias, contudo que lhes conferiram (em especial ao meu avô) um respeito e amor fiel a terra. Seus três filhos já foram criados na zona urbana, mas sempre em contato constante com o campo. Por parte paterna, meu avô era caminhoneiro, ficava a maior parte de seu tempo viajando, porém não o conheci, pois faleceu aos 36 anos de idade, após enfrentar um processo de adoecimento que lhe deixou acamado e com metade de seu corpo paralisado durante meses. Minha avó, por sua vez, foi quem criou seus quatro filhos, equilibrando as responsabilidades domésticas com dois outros trabalhos concomitantes, de inspetora em uma escola municipal e costureira.

Ainda que oriunda de uma família modesta, minha mãe teve uma infância confortável materialmente. Aos 19 anos, enquanto namorava meu pai, ficou grávida de minha irmã (a primogênita da família) e os dois resolveram se casar. Nessa época, minha mãe trabalhava como caixa em um banco, mas pediu demissão de seu emprego durante sua gravidez, para poder dedicar-se aos cuidados de minha irmã. Ao mesmo tempo, minha mãe começou a trabalhar como autônoma, produzindo e vendendo chocolates e outros doces. Meu pai, proveniente de uma família mais pobre, conseguiu fazer um curso técnico em informática e também atuava como autônomo nesse período. Seguido do nascimento de minha irmã, após cerca de um ano e meio, meu irmão veio ao mundo. Enfim, meu nascimento data exatamente de um ano depois da chegada de meu irmão.

Ao longo de minha infância meu pai trabalhou como datilógrafo e como técnico de informática, na maior parte do tempo em cidades como Curitiba e São Paulo, o que o permitia voltar para casa aos finais de semana, quando era possível. Minha mãe, então, era responsável pelo cuidado de três filhos pequenos (o que imagino não ter sido tarefa fácil) e vendia doces e salgados que fazia em casa no escasso tempo que lhe sobrava. O salário de meu pai era utilizado nas despesas de nossa casa, mas as dificuldades financeiras foram uma constante durante esse período.

Em determinado momento, ainda durante minha infância, meu pai conseguiu um trabalho em uma indústria de grande porte de nossa cidade, o que o possibilitou voltar a morar conosco. Tenho a percepção de que nesse período vivemos uma vida bastante harmoniosa, com menos conflitos familiares, e maior estabilidade financeira. Sobretudo aos finais de semana, fazíamos programas em família e tenho a sensação de que me aproximei mais de meu pai. Poucos anos depois, todavia, ele foi demitido, na ocasião da realização de processo de demissão coletiva da empresa. Tenho ainda viva a lembrança de quando se reuniu com minha mãe e meus irmãos, para nos dar a notícia. Sentimos o clima de tristeza e parecia que sabíamos que as coisas voltariam a piorar, mas meu pai, como minha mãe, permaneciam fortes e tentavam transmitir o otimismo e a sensação de equilíbrio para nós três.

Depois dessa demissão meu pai atravessou um longo período de desemprego (embora esporadicamente ainda fizesse algum trabalho como autônomo), mas auxiliava minha mãe no preparo e venda de doces e pratos salgados. Ambos tentaram inclusive abrir um pequeno empreendimento no setor alimentício, mas que em pouco tempo foi fechado, em função de dificuldades administrativas e financeiras.

Entre meus 10 e 16 anos, lembro que meu pai trabalhou como *freelance* em nossa cidade natal. Em um determinado momento, ele se mudou para a cidade de Porto Alegre, onde conseguiu um trabalho, mas como a distância geográfica era muito grande, em menos de um ano ele retornou à nossa casa. Minha mãe sempre ficou a frente de nosso cuidado, embora tivéssemos também uma aproximação constante com meus avós. Ela trabalhava como cozinheira, também autônoma, em alguns momentos trabalhou em outras áreas, mas tampouco tinha uma efetiva estabilidade financeira. Ainda durante minha adolescência, meus pais resolveram se divorciar. Lembro-me que esse processo, o qual levou alguns meses, foi bastante conturbado em nossa família.

Quando retomo minha infância, há uma dialética existencial sempre presente. De um lado, tenho a lembrança de vivências permeadas de afetos, simplicidade, cumplicidade e muito carinho em nosso núcleo familiar, como também na relação com meus avós e tios. Éramos todos muito unidos e valorizávamos os encontros familiares. Por outro lado, a instabilidade de trabalho e financeira em nossa casa se revelava um determinante categórico de nossa história, o que culminava em endividamentos e conflitos constantes entre meus pais. O aspecto financeiro, portanto, representava para mim uma espécie de termômetro relacional de nossa dinâmica familiar.

Sempre fui muito próximo ao meu avô materno. Desde a infância, eu o seguia em todo momento. Íamos juntos para o campo quase toda semana e foi com ele que aprendi a andar a cavalo. Aos 13 anos de idade, comecei a acompanhá-lo em alguns dos serviços que prestava como eletricitista. Gradualmente, aquilo que era um *hobby* se tornou mais sério e comecei a trabalhar com ele no contraturno em que não estava na escola. Ele passou a me pagar semanalmente e começou de fato a me ensinar seu ofício de

eletricista. Meu avô tinha um estilo particular de transmitir sua sabedoria. Oriundo de uma criação cristã bastante rígida, ele sempre cobrou muita disciplina, ética, seriedade e atenção na realização de nossas atividades. A educação e respeito com os clientes também não eram exigências secundárias. Embora tenha estudado somente até a terceira série do ensino fundamental, sempre admirei sua inteligência (aprendida na prática ao longo dos anos), capacidade de raciocínio lógico, além de uma invejável didática na transmissão de sua sabedoria. *Tem que estudar, pra ser alguém na vida*, era uma frase que ouvi centenas de vezes de meu avô. O conhecimento nunca me foi passado de forma passiva. Meu avô não era do tipo que dava as soluções prontas. Antes, ele sempre me fazia inúmeras perguntas, para que eu exercitasse minha capacidade reflexiva na resolução de determinados problemas. Trabalhei dos 13 aos 18 anos com ele e, novamente, hoje consigo significar minhas vivências a partir de um olhar mais integrativo. Explico-me. Em especial quando estava no auge de minha adolescência, vivi essa experiência com expressiva contradição. Eu sempre gostei de acompanhar meu avô, o admirava muito, reconhecia os aprendizados oriundos dessa experiência e o dinheiro que recebia era essencial em minha vida, todavia também me lembro de vários momentos de sofrimento. Alguns trabalhos que fazíamos eram de fato muito árduos. Ficar a tarde toda, por exemplo, fazendo a parte elétrica de uma casa, pregando roldanas em seu forro, em temperaturas bastante altas, era muito extenuante. Além disso, me lembro de momentos em que não pude acompanhar colegas em atividades de lazer, pois tive que ir trabalhar. Questionava-me, por vezes, sobre o porquê muitos jovens tinham uma vida mais confortável que a minha e não precisavam se submeter às condições de trabalho que faziam parte da minha realidade.

Hoje, percebo que essa experiência se revelou um elemento determinante da constituição de minha identidade genealógica (GAULEJAC, 2009), de minha história de vida, no sentido da transmissão de capitais culturais, simbólicos, econômicos e ideológicos (GRENFELL, 2018). Estudei, da infância à adolescência, em escolas públicas. Convivi diariamente com jovens muito mais pobres que eu, os quais viviam em condições de aguda precariedade social. Por outro lado, tive também amigos de classe média, que

tinham um nível de vida superior ao meu e que desfrutavam de mais recursos materiais e simbólicos. Baseado em Antunes (2018), penso que minha família se encaixava muito bem na condição daquela *classe que vive do trabalho*, porém que flerta constantemente com o sonho e valores de classes mais elitizadas. A culpabilização e sensação de impotência colocavam-se como ditames de nossa conjuntura social. Ou seja, sentíamos os efeitos da precarização do trabalho, interiorizávamos os valores e aspirações do topo da pirâmide social, contudo nossas condições em termos de consumo e qualificação formal eram majoritariamente inferiores. A concepção de sucesso profissional, portanto, hegemônica nos projetos parentais de minha família, passava pela conquista de um emprego estável, em uma empresa reconhecida, na qual proporcionasse *status* social e a aquisição de bens “essenciais”, como um carro e casa própria. Aliadas a uma efetiva devoção cristã, tais elementos eram considerados motores fundamentais à constituição de uma “família plena e feliz”.

Segundo uma perspectiva dejouriana (DEJOURS, 2012), penso que meu desenvolvimento psicoafetivo, no âmbito de minha relação psíquica com o trabalho, abarcou alguns significantes centrais. A partir da percepção que eu tinha da experiência de meus pais (os quais considero figuras essenciais em minha vida), em minha infância o trabalho esteve associado à penibilidade, obrigação e um imperativo para ascensão social. Com meu avô, interiorizei também que o trabalho, como um meio de subsistência, conferia ao homem dignidade, integridade, identidade profissional e poder de consumo, mas que para isso cobrava um preço alto do ponto de vista do desgaste físico e mental. E, claro, aprendi que o mundo do trabalho nem sempre é justo. Decerto que nessa época essas questões não eram claras para mim, pois nunca havia feito essas reflexões, tampouco tinha consciência de classe e do lugar que ocupávamos na sociedade.

Em minha história de vida, a construção propriamente de uma identidade narrativa (GAULEJAC, 2009) foi marcada pelas minhas escolhas profissionais subsequentes. Quando conclui o Ensino Médio não pensava em fazer faculdade. Queria me dedicar ao trabalho de eletricista para ganhar mais dinheiro. Entretanto, influenciado por alguns colegas que começaram a

ingressar em universidades, me inscrevi em um cursinho pré-vestibular, no qual acompanhava no contraturno de meu trabalho. Esse foi o primeiro momento em que percebi como minha educação formal foi deficitária. Enquanto muitos alunos estavam revisando conteúdos que já dominavam, a maior parte era totalmente nova para mim. Soma-se a isso o fato que eu não gostava de estudar quase nada do que via em sala. Decorar aqueles conteúdos, para passar em um vestibular, não fazia sentido. Eu me sentia um ignorante. Ao longo desse ano, porém, fui persistente, me dediquei aos estudos com muita disciplina e enfim comecei a flertar com as possibilidades de cursar História, Psicologia ou Relações Públicas. Hoje percebo que essa escolha não foi clara, mas optei pela Psicologia. Embora tivesse pouco conhecimento da grade do curso, me despertava curiosidade e vontade de estudar.

A essa altura, o desenho de uma narrativa própria se confrontou pela primeira vez com meus projetos parentais. Quando disse ao meu avô que queria cursar Psicologia, em uma universidade pública, lembro-me que ele me fez três perguntas, que são representativas à compreensão de minhas heranças sociais e culturais: *Isso não é curso de mulher? Isso dá dinheiro? Será que universidade pública é pra gente, filho?* Embora tivesse a expectativa que eu fizesse Engenharia Elétrica, gradualmente meu avô compreendeu meus anseios e incentivou minhas escolhas. Nessa mesma linha, a opção pela Psicologia causou estranhamento em meus pais, contudo eles também me apoiaram de modo irrestrito. Vejo que esse incentivo me coloca em uma situação de privilégio, quando comparado a pessoas em situações de maior precariedade. A condição, porém, era somente uma: eu teria um ano para tentar a aprovação em uma universidade pública. Caso não conseguisse, para não perder tempo, iria continuar trabalhando e buscaria um curso em alguma faculdade privada da região onde residíamos.

Trajatória socioprofissional e a construção de uma historicidade

Produto de muito estudo, mas também de uma expressiva sorte, fui aprovado no vestibular da Universidade Estadual Paulista (UNESP), para cursar Psicologia no outro lado do estado de São Paulo, no campus de Assis.

O problema agora era a questão financeira. Mesmo assim, meu avô e minha mãe se esforçaram e me deram um dinheiro que possibilitaria me manter na cidade por dois meses. Ao me mudar, descobri que na universidade havia uma moradia estudantil gratuita para estudantes de baixa renda e, além disso, consegui um auxílio permanência de 290 reais mensais. Em contrapartida, eu precisava me inserir em uma pesquisa de algum professor do curso. Ao longo de toda minha graduação, eventualmente minha mãe conseguia algum dinheiro e depositava em minha conta. Eram atos admiráveis, pois sei que muitas vezes ela deixou de pagar contas para ajudar a me manter ou para ajudar meu irmão, que também havia ingressado em uma universidade na cidade de Campinas. Para complementar minha renda, nesse período eu fazia também alguns *bicos*, realizando trabalhos pontuais como eletricista e limpando repúblicas de outros estudantes.

No primeiro semestre de faculdade fiquei deslumbrado. Deparei-me com um mundo totalmente novo, instigante e conheci pessoas de diferentes estratos sociais, com outras perspectivas de vida. As aulas, em contraposição, não me interessavam e eu me sentia ainda mais limitado intelectualmente que no cursinho pré-vestibular. Eu admirava a inteligência de meus professores, mas me faltavam recursos de leitura e escrita para compreender os textos que discutíamos em sala. O segundo semestre, contudo, teve extrema relevância em minha formação. Foi em uma disciplina sobre Sigmund Freud que senti pela primeira vez a *curiosidade epistemofílica*, evocada pela Psicanálise e que remete a um processo no qual a inteligência do corpo é colocada em movimento, possibilitando a experiência de emancipação no trabalho. Embora nebulosa, nesse momento a Psicanálise me desafiava. Dediquei-me exaustivamente nos anos seguintes as leituras de Freud. Participei de grupos de estudo e quanto mais eu as compreendia, mais sentia que estava me desenvolvendo como pessoa. Minha disciplina e dedicação minimizavam cada vez mais aquele sentimento de ignorância e limitação intelectual.

No segundo ano de faculdade, como condição para o recebimento do auxílio permanência estudantil, eu participava de uma pesquisa sobre a incidência da infecção pelo HIV em pacientes psiquiátricos. Resolvemos, então, submeter um projeto de pesquisa de iniciação científica para a Fundação de

Amparo à Pesquisa do Estado de São Paulo (FAPESP). Para minha surpresa, esse projeto foi aceito. Troquei, então, o auxílio permanência pelo fomento da FAPESP, que me pagava quase 400 reais na época. Ao longo de 24 meses, fizemos um trabalho de coleta e análise de dados no Centro de Atenção Psicossocial (CAPS) da cidade de Assis, que resultou em um artigo publicado na Revista Mudanças – Psicologia da Saúde. Nesse período, trabalhei ainda em projetos de extensão voltados a pessoas com obesidade em uma Unidade Básica de Saúde (UBS) e com mulheres cadastradas no Programa Renda Cidadã, em um Centro de Referência em Assistência Social (CRAS).

No terceiro ano de faculdade pleiteei uma bolsa de excelência acadêmica para estudantes de baixa renda, oferecida pelo setor de Relações Internacionais da UNESP, para a realização de um intercâmbio. Fui selecionado na primeira etapa, na qual os alunos do campus de Assis concorriam entre si, e participei das entrevistas finais na reitoria da universidade, na cidade de São Paulo. Para minha surpresa e alegria, fui aprovado nesse processo e, no segundo semestre, me mudei para Santiago de Compostela, na Espanha, cidade na qual eu residiria por seis meses. Esse foi, sem dúvidas, um ponto alto de minha formação pessoal e profissional. Conhecer outras culturas e universidade foi sensacional, uma experiência única que me abriu novos horizontes. As disciplinas cursadas, atrelada a intensificação dos estudos sobre a língua espanhola, me rendia uma rotina árdua de trabalho, porém amplamente gratificante. Tive o privilégio de conhecer o sistema de saúde mental da Galícia, o que me possibilitou ampliar a proposta de minha iniciação científica e fazer um estudo comparativo da rede espanhola com o Sistema Único de Saúde (SUS) no Brasil. Tive também a oportunidade de apresentar minha pesquisa em congressos na universidade, após muita dedicação fui aprovado em todas as disciplinas que cursei e meu relatório final, entregue à Assessoria de Relações Externas da UNESP, foi apreciado positivamente. Essa sem dúvidas era uma experiência inimaginável antes de ingressar no curso de Psicologia e, não fosse à bolsa recebida⁴,

⁴ A bolsa recebida contemplava meus custos de mobilidade (do Brasil à Espanha), os custos de moradia estudantil, além de uma quantia mensal de cerca de 400 euros.

nessa ocasião seria impossível arcar pessoalmente com os custos de um intercâmbio acadêmico.

Na transição do terceiro para o quarto ano de Psicologia, escolhi duas ênfases para fazer estágios: clínica psicanalítica, do campo de Freud e Lacan, e Psicologia do Trabalho e Organizacional. Quanto ao primeiro, nos dois anos seguintes pude aprofundar meus conhecimentos em Psicanálise, mediante atendimentos individuais e grupais, sob a supervisão dos professores Gustavo Henrique Dionísio e Abílio da Costa Rosa. Concomitantemente, nesse período iniciei uma psicoterapia de base psicanalítica, com uma psicóloga da universidade em um projeto social. Em relação ao segundo estágio, meu conhecimento sobre a Psicologia do Trabalho e Organizacional era superficial, mas eu tinha interesse em me aprofundar no campo e conhecia indiretamente o trabalho do professor Francisco Hashimoto, bastante elogiado e reconhecido entre os discentes do curso. Eu não sabia, entretanto, que essa escolha se traduziria em um divisor de águas em minha trajetória socioprofissional.

Focado nas clínicas do trabalho, sobretudo na Psicodinâmica dejouriana e na Psicossociologia francesa, o professor Francisco foi quem expandiu meus horizontes dentro do campo da Psicologia. No âmbito teórico, foi graças a ele que tive acesso pela primeira vez a textos clássicos como *O poder das organizações* (PAGÈS, et al, 1987), *Da horda ao Estado* (ENRIQUEZ, 1990), *A organização em análise* (ENRIQUEZ, 1997), *Gestão como doença social* (GAULEJAC, 2007), *O sujeito social* (BARUS-MICHEL, 2004), assim como outros trabalhos de brasileiros como Teresa Carreteiro, José Newton de Araújo, Vanessa Andrade de Barros e Marília Novais da Mata Machado. Eu me fascinei pela abordagem original e pelo rigor teórico-metodológico da Psicossociologia. O rompimento com os enclausuramentos disciplinares, atrelado a uma óptica crítica sobre os campos da Sociologia e da Psicologia, faziam cada vez mais sentido. Mais ainda, na Psicossociologia encontrei reflexões que eram ignoradas pelos psicanalistas, mas que me incomodavam há tempos. Instigado pelas leituras, já nesse momento comecei também a estudar o idioma francês, sonhando com uma possibilidade futura de estudar na França.

Em paralelo, no quarto ano fiz um estágio no departamento de Recursos Humanos (RH) de uma indústria sucro-alcoeira da região e também iniciamos

um trabalho de pesquisa-intervenção em um pronto-socorro da rede de saúde da cidade (porém que foi interrompido antes de concluirmos as intervenções). O trabalho no RH me permitiu conhecer o funcionamento cotidiano de uma grande empresa, em especial em relação às práticas de Recrutamento e Seleção, Treinamento e Desenvolvimento e Cargos e Salários. Como estava implicado a me aprofundar nas Clínicas do Trabalho, o professor Francisco aceitou me orientar em um novo projeto de iniciação científica.

No ano seguinte, também com o fomento da FAPESP, desenvolvemos uma pesquisa teórico-reflexiva cujo objetivo consistia em compreender os enlaces entre as noções de desejo, sublimação e sujeito nas organizações estratégicas, à luz da Psicodinâmica de Dejours e da Psicossociologia. Foi a partir desse trabalho que decidi de fato seguir o percurso acadêmico. Dediquei-me às leituras e me descobri admirado pelas problemáticas relacionadas ao mundo do trabalho. A aproximação com o professor Francisco, nesse sentido, foi determinante nessa escolha. Em momentos críticos, de dificuldades pessoais quase incontornáveis, sua ajuda e conselhos foram de extrema importância. Sua escuta sensível, amizade e generosidade alimentavam minha busca em me tornar um professor e pesquisador a sua altura. Hoje, mais que o principal mentor de minha vida, o considero como um amigo único.

Meu último ano de faculdade foi marcado por jornadas exaustivas, mas também enriquecedoras. Afora as aulas, os atendimentos clínicos e a pesquisa de iniciação científica, eu comecei dois novos estágios e ingressei em um projeto de extensão, voltado à orientação profissional de jovens que estudavam no cursinho pré-vestibular comunitário da universidade. O primeiro estágio era realizado no RH de uma empresa de tecnologia da informação e o segundo em um projeto social voltado à educação socioambiental de crianças e adolescentes. Deparei-me com novas demandas e desafios, o que significou também outros aprendizados.

Assim que conclui minha graduação, recebi duas propostas de trabalho: uma na empresa de T.I e outra no projeto social, cujo foco era orientação psicopedagógica com os jovens. Na primeira, eu deveria viajar constantemente para duas outras cidades em que a empresa possuía unidades subsidiárias. Na segunda, embora a remuneração fosse significativamente inferior, eu teria uma

sobrecarga menor de trabalho. Como estava focado em ingressar e seguir no mestrado optei pela última opção. Vale dizer que tanto durante o estágio como depois, essa experiência foi relevante em minha trajetória, pois pela primeira vez eu pude me aproximar da realidade de crianças e adolescentes que viviam em situação de extrema pobreza, os quais amiúde não tinham nem o mínimo necessário para sobreviver. Apesar de todas essas dificuldades e da distância social que nos separava, esses jovens eram autênticos e aprendíamos juntos, construindo vínculos genuínos a partir de nossas trocas.

Sobre as primeiras experiências com os Grupos de Implicação e Pesquisa e o Organidrama

Sob orientação do professor Francisco Hashimoto, à luz da Psicossociologia e da Sociologia Clínica, no mestrado objetivamos compreender como se operava a incorporação ideológica, as vivências de sofrimento e os laços subjetivos estabelecidos entre trabalhadores e empresas. Posto que muitas de nossas hipóteses reflexivas partiram dos estudos empreendidos em *O poder das Organizações* (PAGÈS et al., 1987) e em *O custo da excelência* (AUBERT; GAULEJAC, 1991/2007) realizamos a pesquisa em companhias multinacionais, públicas e privadas, de setores variados, localizadas na Região Metropolitana de São Paulo: varejo, indústria química, pesquisa de mercado, mineração e metais, indústria farmacêutica, consultoria de gerenciamento, tecnologia da informação, editoração e biotecnologia. A partir da abordagem biográfica, tentamos nos aproximar da vivência de trabalhadores que ocupavam posições de gerência ou diretoria, em organizações oriundas de distintas nacionalidades (Brasil, Holanda, Israel, Estados Unidos, México, Índia, Espanha, França, Argentina, Itália, Suíça, Japão, Inglaterra e Irlanda). Com foco na compreensão das novas formas de sofrimento no trabalho, o referido estudo foi intitulado *Paradoxo gerencialista e hiperperformance: sobre os laços psicológicos e ideológicos nas organizações multinacionais*. Não entrarei nas discussões e resultados que encontramos, pois faremos essa retomada ao longo desta tese, mas no âmbito pessoal sinto

que dei um salto substantivo na compreensão do campo da Psicossociologia e da Sociologia Clínica.

Como eu já estava estudando francês há alguns anos, pude me aprofundar nas leituras de várias obras centrais, ainda não publicadas no Brasil, referente à Sociologia Clínica. Em especial, as reflexões do professor Vincent de Gaulejac sempre me pareceram certas e carregadas de um rigor teórico admirável. No trabalho de campo realizado, para além do *status* social atribuído aos trabalhadores, encontrei vivências de fragilidade, vulnerabilidade, culpabilização e, inclusive, por vezes de incredulidade relacionada aos seus trabalhos. A hiperatividade e exigências de produtividade cada vez mais intensas eram categóricas. As contradições organizacionais apareciam como elementos difusos nas narrativas dos entrevistados e questões como a construção de sentido, as dinâmicas de prazer, sofrimento, os sistemas de mediação da gestão das organizações, se revelaram centrais em minhas reflexões. *O que significa, afinal, tornar-se sujeito? O que condiciona nossa forma de pensar, nossas escolhas profissionais e a forma como nos portamos nas organizações? Como integrar o subjetivo na análise social do trabalho? Como nossa historicidade se inscreve em nosso contexto de trabalho e o quanto isso pode se tornar uma armadilha à construção de sentido no trabalho?* Se eu colocava sempre essas interrogações no trabalho de análise das transcrições das entrevistas, também o fazia em relação à minha história de vida.

É preciso ainda sublinhar que durante o mestrado eu pedi demissão do projeto social no qual trabalhava e comecei a atuar como prestador de serviços na empresa de tecnologia na qual havia feito estágio. Ao mesmo tempo em que pude conhecer de forma mais aprofundada a dinâmica dos subsistemas de RH, tive autonomia para propor algumas mudanças que tiveram impactos expressivos. Sobretudo em treinamentos e nos programas de desenvolvimento dos trabalhadores, me servia do arcabouço teórico-metodológico da Sociologia Clínica e da Psicossociologia para trabalhar a dimensão dos conflitos da empresa. Decerto que limitações vieram à luz nessas tentativas, mas seguramente esse trabalho foi importante e reconhecido pelos trabalhadores.

Foi também durante esse período que comecei a trabalhar como

professor em uma universidade privada da região. Nessa experiência, descobri a paixão pela docência, malgrado as dificuldades impostas por essa carreira no contemporâneo. Mesmo nos dias em que eu começava uma aula saturado, cansado, me percebia minutos depois extasiado, praticamente gritando na sala. As trocas com os alunos, por sua vez, sempre foram enriquecedoras e representam até hoje o principal motor de minha implicação e engajamento na universidade.

Em outubro de 2015, fui à Brasília para participar de uma *semana de formação em Sociologia Clínica*, organizada pela professora Christiane Girard (a qual, é preciso dizer, me recebeu com muita abertura, sensibilidade e empatia) e seu grupo de pesquisa, na Universidade de Brasília (UNB). Na época, além das palestras que faziam parte da programação da jornada, ao longo de três dias participei (pela primeira vez) de um Grupo de Implicação e Pesquisa (GIP)⁵, intitulado *Trajetórias sociais e escolhas profissionais*, mediado pela Christiane e por Vincent de Gaulejac. Até então, só conhecia esse dispositivo de intervenção pelas leituras que havia feito.

Eu me dei conta, no curso desse processo de reflexão e de trabalho coletivo, como a dimensão da implicação em relação à pesquisa se desvela fundamental. Percebi o quanto meu objeto de pesquisa e meu interesse pela Sociologia Clínica estavam ligados à minha história de vida. Na busca para me tornar professor, pesquisador e, portanto, para construir minha historicidade, eu precisei questionar uma concepção utilitária de conhecimento que existia no núcleo de minha família e do contexto social no qual fui subjetivado. Nesse grupo, também pude me confrontar com o hiato entre a escolha de uma profissão (a Psicologia) com pouco prestígio social e retorno financeiro e as expectativas predominantes imbricadas em meus projetos parentais. Apreendi, também, que conforme fui construindo uma trajetória que fugia dos estereótipos de sucesso profissional hegemônicos, isso também influenciou positivamente na mudança de perspectiva de trabalho de alguns integrantes de minha família.

Refletir sobre minhas escolhas profissionais implicava doravante compreender qual a concepção de trabalho hegemônica em minha história.

⁵ Groupe d'Implication et de Recherche (GIR).

Embora aparentemente óbvia, tomei consciência dessa ligação somente nesse momento. Todavia, outras contradições vieram à tona. Nos últimos anos, ficava evidente que eu havia assumido maior protagonismo na construção de minha trajetória profissional, mas paguei um preço alto por isso. Em razão de dificuldades financeiras e por falta de tempo, durante minha graduação e mestrado eu retornava muito pouco para minha cidade de origem. No ano de 2015, grande parte de minha família ainda residia na cidade, mas meus irmãos e meus pais haviam se instalado em Campinas. Meu irmão foi o primeiro a se mudar, para fazer faculdade. Anos depois, minha irmã também foi a trabalho e, posteriormente, cursou Ciências Contábeis. Meu pai, anos depois do divórcio, conheceu outra mulher e foi morar com ela, em Campinas. Enfim, no ano de 2014, em função de dificuldades financeiras, minha mãe se mudou também para a cidade, onde trabalha como cozinheira. Portanto, o efeito colateral de minhas escolhas foi um distanciamento relativo com minha família, no qual reconheço que fui o principal responsável.

No ano de 2016 eu havia me preparado, encarei a árdua burocracia da FAPESP e submeti um projeto para pleitear uma Bolsa de Estágio e Pesquisa no Exterior, cuja finalidade era ampliar meu trabalho de mestrado e realizar uma pesquisa no seio do *Laboratoire de Changement Social et Politique* da *Université Paris 7 Diderot*, em Paris, na França, sob orientação do professor Vincent de Gaulejac, que havia aceitado me receber. Para minha surpresa e extrema felicidade, o projeto foi aprovado. No dia 31 de dezembro eu embarcaria para a França e trabalharia no referido laboratório no ano seguinte.

Nesse ínterim, contudo, eu me depararia com um dos momentos mais difíceis de minha vida. No fim do mês de agosto desse ano, após sentir por vários dias dores agudas no que pensava ser seu nervo ciático, repentinamente meu pai foi diagnosticado com um melanoma, já em estado de metástase em sua coluna vertebral. Nos três meses seguintes, passei a viajar todos os finais de semana para Campinas, nossa família se uniu como nunca, mas vi meu pai perder mais de 30 quilos. Aproximei-me ainda mais dele e tivemos conversas realmente muito intensas. Todo seu tratamento foi feito no Hospital das Clínicas da Unicamp, com uma sofisticada estrutura, mas ele não resistiu e faleceu no meio do mês de novembro. Nenhum de nós esperava por

isso. Vimos-nos impotentes, sem saber o que fazer diante desse golpe abrupto da vida.

Toda a euforia que eu sentia com a possibilidade de ir para a França se dissipou. Cheguei a procurar informações sobre como declinar da bolsa oferecida pela FAPESP, mas como os trâmites burocráticos já estavam todos assinados, as passagens compradas e o dinheiro em minha conta, os desfechos jurídicos desse processo seriam morosos e talvez custosos demais. Minha mãe e meus irmãos, contudo, me incentivaram a não desistir do projeto e então resolvi embarcar para Paris no mês seguinte. Embora à época eu tenha me culpado por me distanciar novamente de minha família, hoje vejo de forma positiva minha escolha. Se tivesse desistido, minha trajetória teria tomado outros rumos e eu não teria conhecido pessoas que também ocupam posições centrais em minha vida atualmente.

Janeiro de 2017 sem dúvidas foi um mês peculiar em minha trajetória. Imerso em conflitos pessoais, tive dificuldades em me adaptar ao inverno parisiense, em me expressar no idioma francês e não conhecia ninguém na cidade. Felizmente, nos meses seguintes conheci colegas e pesquisadores excepcionais, residentes na *Cité Internationale Universitaire*. Já nesse mês, eu participei de meu segundo Grupo de Implicação e Pesquisa, intitulado *O sujeito face ao trabalho* e mediado por Catherine Besse e Vincent de Gaulejac. Sobretudo no primeiro dia, ainda estava muito recluso e com receio de me comunicar. Vi-me submerso na angústia e imobilizado pela vergonha de não falar com fluência a língua francesa (eu compreendia bem o idioma, mas tinha dificuldades em me exprimir). Nos dias subsequentes, o trabalho de reflexão individual e coletiva, no núcleo do grupo, foi intenso e frutífero. Tomei consciência que, diante de situações de conflito, eu era atravessado por inúmeros fenômenos ligados à minha trajetória de vida. Pude discutir algumas questões relacionadas à morte de meu pai e percebi, também, que eu tinha pouco conhecimento do passado e origem de minha família, em especial sobre os antepassados de meus avós, o que refletia certa depreciação coletiva de nossa própria genealogia.

Aprendi e vivenciei realmente o que é a abordagem clínica em Sociologia, para além da teoria. Os movimentos de implicação pessoal,

atrelados ao trabalho coletivo, me fizeram perceber como se opera a compreensão das multideterminações que atravessam nossa história. Conheci também o Organidrama e percebi nesse dispositivo um veículo profícuo para análise e reflexão de conflitos grupais.

O terceiro Grupo de Implicação e Pesquisa no qual participei era intitulado *O sujeito face ao trabalho* e foi mediado por Vincent de Gaulejac e Fabienne Hanique. Nessa ocasião, assumi uma postura mais ativa no grupo, pois já sentia mais segurança com a língua francesa. Ao retomar as reflexões sobre a trajetória profissional de meus pais, entendi com mais clareza o porquê seus ideais de sucesso eram permeados por uma lógica utilitarista. Eu percebia que suas vivências no trabalho passavam por significantes como a penibilidade e a saturação, mas tomei consciência também que suas experiências não podem ser dissociadas de contextos sociais específicos de exploração, precarização, exclusão e instabilidade financeira.

Questionei junto aos participantes sobre como as contradições que encontrava entre minha história e historicidade refletiriam uma angústia de um deslocamento de classe, isto é, um medo de abandonar minhas origens e posição social. Decerto que não nos referíamos a uma distância que passa por ganhos financeiros (pois isso não ocorreu), mas que se opera no plano dos capitais culturais, ideológicos e simbólicos. *Porém, o que significaria mudar de classe? Isso é factível?*

Aqui, percebi um ponto de inflexão. Primeiro, reconheci que ocupo uma posição privilegiada em nossa sociedade, afinal sou branco, faço uma pós-graduação em uma universidade pública, assim como estou dentro dos padrões estéticos e heteronormativos hegemônicos. Reconheci também que me distanciei de certos paradigmas de minha família, relacionados ao trabalho. Em contraposição, em substância valores fundamentais como o respeito, honestidade, sensibilidade, empatia e humildade permaneceram enraizados na forma como enxergo o mundo. Logo, outras questões se revelaram: *Qual posição social eu ocupo na sociedade? Qual posição ocupo na esfera de minhas relações intrafamiliares? Seria possível dissociar história pessoal e história familiar? Do ponto de vista da transmissão psíquica, de onde ou de quem eu herdei a ambição de me tornar professor e pesquisador?*

Malgrado atualmente eu conviva em contextos diferentes daqueles conhecidos por minha família, me sinto fiel às minhas raízes, sou grato e admiro minhas figuras parentais. Em última análise, a perda do meu pai me ensinou que essa família é central em minha vida e, se vislumbro uma melhoria em termos de condições financeiras, é porque tenho a expectativa de poder ajudá-la no futuro (e aqui me remeto sobremaneira à minha mãe). A capacidade, portanto, de construir esse futuro, passa inexoravelmente pela implicação em compreender as contradições de meu passado e presente.

Ao longo de 2017, durante minha estadia na França, participei dos seminários do Mestrado Acadêmico em *Sociologie Clinique et Psychosociologie*, do Mestrado Profissional em *Théories et Pratiques de l'Intervention Clinique dans les Organisations* e do Doutorado, oferecidos no quadro do *Laboratoire du Changement Social et Politique*. Além disso, graças à generosidade do professor Vincent de Gaulejac, pude participar de duas outras instâncias formativas, focadas nos dispositivos de pesquisa e intervenção da Sociologia Clínica e oferecidos pelo *Réseau International de Sociologie Clinique* (RISC). A primeira consistia em um programa de formação, intitulado *Théâtre, Sociologie Clinique et Intervention*, ministrado por ele e por René Badache, e o segundo era denominado *Groupe de Recherche et d'Échange de Pratiques* (GREP), coordenado por Gaulejac e Christophe Niewiadomski. Neste último, acompanhávamos Grupos de Implicação e Pesquisa de variados temas, como participantes (e, depois, como observadores), e refletíamos sobre nossas experiências, mediante um trabalho de implicação e articulações teóricas coletivas.

Ao retornar ao Brasil, voltei a atuar como professor na mesma universidade, prestei outros serviços para a referida empresa de tecnologia e, depois, passei a trabalhar como consultor, em organizações privadas. Em ambos os lugares, fundamentei minhas práticas no campo da Sociologia Clínica e pude mediar Grupos de Pesquisa e Implicação e sessões de Organidrama em diferentes contextos. Em 2019, trabalhei como professor temporário na Universidade Estadual de Maringá (UEM) e no início de 2020 tive a felicidade de ser aprovado em um concurso para professor efetivo na Universidade do Estado de Minas Gerais (UEMG), no campus de Divinópolis,

cidade onde resido atualmente. Os resultados desses últimos trabalhos constituem a pedra angular das reflexões que o leitor encontrará a seguir.

Entre Psicologia e Sociologia, onde se situa a Sociologia Clínica? Teoricamente, essa é uma questão que por anos me foi muito cara. Somente após ter imergido em um processo de formação sobre os dispositivos de pesquisa e intervenção desse campo minhas interrogações foram elucidadas. Sem me dar conta, ao passo que me aprofundei em minha história e historicidade, compreendi do que se trata a clínica da complexidade e a abordagem clínica em Sociologia.

Todo trabalho acadêmico corresponde à produção de uma forma de saber e poder. Logo, na escrita clínica isso implica que o pesquisador se confronte com suas contradições e vulnerabilidades, para não incorrer no equívoco da instrumentalização. A partir desse relato autobiográfico, busquei trazer a tona minha trajetória pessoal e intelectual, de modo que tentei refletir sobre as determinações sociais e psíquicas que atravessam minha história e, por conseguinte, o movimento de construção desta tese. Com efeito, se a historicidade compreende um processo de interpretação e reconstrução de nossa própria história, individual e coletiva, a escrita clínica nos convoca a um trabalho angustiante, de exposição de nosso próprio narcisismo, mas que se coloca com condição fundamental e fecunda ao desenvolvimento de uma pesquisa.

Enfim, nesse relato não citei figuras que foram centrais em minha trajetória. Não foi minha pretensão minimizar ou desconsiderar a influência que muitas dessas pessoas tiveram em minha formação, mas meu propósito consistiu em me centrar nos núcleos familiares e em minhas escolhas socioprofissionais. Ademais, se muitas das interrogações que fiz não foram respondidas, é porque esse trabalho de implicação e reflexão é ininterrupto, o que faz com que esse texto permaneça inacabado. Não há certezas, não há final feliz e as contradições não se esgotam, mas esse talvez seja o genuíno caminho da construção de uma postura clínica do social.

INTRODUÇÃO

A mais alta responsabilidade da universidade consiste no exercício das funções de órgão de criatividade cultural e científica, e de conscientização e crítica da sociedade.
(Darcy Ribeiro)

O presente estudo representa a evolução e continuidade de um trabalho que se iniciou há oito anos, a partir de uma pesquisa de iniciação científica que contou com auxílio da FAPESP e cujo objetivo era explorar as contribuições da Psicanálise freudiana à Psicossociologia e à Psicodinâmica do Trabalho, especificamente em relação ao conceito de desejo e sublimação nas organizações estratégicas. Posteriormente, no trabalho de mestrado, sob orientação do professor Francisco Hashimoto, realizamos uma pesquisa sobre os enlaces entre os sistemas mediadores das gestões de organizações multinacionais, localizadas na Região Metropolitana de São Paulo, e as vivências de seus respectivos quadros gerenciais. Nessa ocasião, por intermédio de um fomento da FAPESP (Processo 2016/12173-5) tivemos a oportunidade de realizar parte desse estudo no *Laboratoire de Changement Social et Politique* da *Université Paris 7 Diderot*, na França, com a orientação do professor Vincent de Gaulejac. O produto final desse trabalho foi materializado na produção de um livro recente, intitulado *Paradoxos do trabalho: as faces da insegurança, da performance e da competição* (VIANA BRAZ, 2019).

Ao avaliar de forma retrospectiva o desenvolvimento do referido estudo, é preciso que façamos uma ressalva. Com o receio de ultrapassar as fronteiras que garantiam o anonimato dos participantes da pesquisa, reconhecemos hoje que falhamos na contextualização de nossas entrevistas, o que fez com que algumas narrativas fossem dispostas de maneira dispersa, eventualmente desconectadas de suas respectivas genealogias sócio-familiares. Como resultado, se a riqueza de nossos encontros não foi devidamente explicitada, por vezes, no processo de compreensão das narrativas dos sujeitos, não conseguimos transparecer com fidelidade as inter-relações temporais entre

passado, presente e futuro de suas histórias de vida. Apesar desses equívocos, atribuímos substancial valor ao produto final desse trabalho. O diálogo entre as realidades narradas pelos trabalhadores e nossas teorias foi feito com coerência, rigor e possibilitou a construção de problemas e reflexões frutíferas à compreensão das vivências e sofrimento dos trabalhadores inseridos nas organizações.

Uma vez que o pesquisador realizou na França as formações acerca aos dispositivos⁶ de intervenção da Sociologia Clínica e as vivenciou na prática (como participante, observador e mediador), delimitamos como foco do doutorado a análise e validação de dois dispositivos de pesquisa e intervenção específicos no contexto de trabalho brasileiro: os Grupos de Implicação e Pesquisa (GIP) e o Organidrama. A partir de uma perspectiva compreensiva e enquanto metodologias grupais, tais ferramentas parecem representar alternativas profícuas no processo de exploração das relações entre os conflitos vividos no espaço de trabalho e as contradições existentes nas organizações. Nessa esteira, a espinha dorsal desta tese traduz-se em alguns questionamentos: *quais os fundamentos teórico-metodológicos da Sociologia Clínica? Como são operacionalizados seus dispositivos de intervenção? Em quais condições e enquadres são realizadas as intervenções? Quais seus diferenciais no âmbito do contexto de trabalho brasileiro?*

Trabalho, paradoxo e sofrimento

No trabalho de dissertação (VIANA BRAZ, 2019), foi escolhido o contexto das multinacionais fundamentalmente por dois motivos. Impulsionadas pela globalização do comércio, dos produtos e finanças, essas organizações lograram um poder sócio-político e econômico sem precedentes na história. Tornaram-se, assim, as principais difusoras de metodologias de gestão que simbolizam valores como a eficiência e o progresso social (NIEWIADOMSKI, 2012; VIANA BRAZ, 2019). Além disso, a literatura indica (GAULEJAC, 2007;

⁶ A noção de dispositivo, nesta tese, é emprestada da Análise Institucional (LOURAU, 1970/2014) e remete-se a um operador cuja função consiste em movimentar elementos instituídos das relações sociais em favor da emergência de forças instituintes.

2011; DUJARIER, 2015) que a partir da análise desses cenários, é possível compreender denominadores comuns, encontrados também em outras organizações, reveladores de lógicas paradoxais inerentes ao funcionamento organizacional e que, por sua vez, são vinculados às novas formas de sofrimento no trabalho.

Em consonância com a literatura (DUJARIER, 2012; 2015; GAULEJAC; HANIQUE, 2015), identificamos que nos últimos 20 anos uma nova reconfiguração social e organizacional ganhou contornos mais aparentes. Observamos os efeitos da recusa ou interiorização do *ethos* difundido pelo mercado de trabalho e dos imperativos econômicos, políticos, ideológicos e psicológicos da gestão das organizações estudadas. Lateralmente, no registro dos vínculos com as empresas, predominou nos relatos dos trabalhadores sentimentos como a descrença, desconfiança, desencantamento, pessimismo, saturação, instabilidade, insegurança e, inclusive, a incoerência em relação ao ambiente no qual estavam inseridos. A busca pelo destaque social, pela excelência, assim como o culto à urgência e a autorreferenciação foram significantes também categóricos.

A abundância de dispositivos de prescrição como *softwares* de gestão, manuais de boas práticas, planilhas de indicadores de desempenho, metodologias de controle de qualidade e avaliações de relacionamento com *stakeholders*, desvelou uma gramática paradoxal vivida pelos trabalhadores. Por se descolar mormente do trabalho vivido, esses dispositivos distorcem a realidade e se pautam na finalidade de fazer do particular a grande escala, de transformar a exceção em regra e o ideal em norma, inclusive passíveis de punições. O gerenciamento numérico vai ao encontro da destruição do valor do trabalho real, em proveito de uma produção artificial de resultados. Se outrora o sujeito que fazia bem seu trabalho conseqüentemente seria bem avaliado, hoje esse binômio perde sua relação causal. Nessa conjuntura, o trabalhador melhor avaliado não necessariamente é aquele que faz o trabalho com mais qualidade, mas é aquele que melhor se articula com os dispositivos de prescrição e as engrenagens do poder organizacional (DUJARIER, 2015; VIANA BRAZ, 2019).

Essa pesquisa, portanto, parte da tese que na medida em que o instrumento do gerenciamento é produzir paradoxos (GAULEJAC, 2011; GAULEJAC, HANIQUE, 2015), as vivências dos trabalhadores tendem a ser cada vez mais incoerentes e contraditórias. Diante da impotência e impossibilidade de romper com estruturas discursivas nas quais alternativas não são concebíveis, proliferam-se as respostas estanques e cristalizadas: “o mercado é competitivo”, “joga-se o jogo”, “o que importa são os números”, “não me importa se o pato é macho ou fêmea, eu quero é ovo”. Em nosso trabalho de dissertação, foi marcante que por mais paradoxal que seja a situação colocada pela gestão, é sempre o trabalhador quem deve tomar decisões, sem errar. E ele é inclusive individualmente cobrado para construir a harmonia em meio à desordem, pois é pago para “trazer soluções e não problemas” (VIANA BRAZ, 2019).

A racionalização do trabalho passa por um crivo sobremaneira numérico e o realismo econômico se impõe como ideologia majoritária. As exigências de rentabilidade e os critérios de avaliação por vezes são vividos como contraditórios e distantes do cotidiano laboral. O trabalho, nesse ínterim, é alçado como palco principal para a ultrapassagem de si e realização pessoal. Os trabalhadores que contestam os ideais hegemônicos são considerados “desajustados”, “fora do perfil. Já os que interiorizam o discurso gerencialista, porém que não superam as expectativas da organização, são associados a figuras como a mediocridade, fraqueza e acomodação. Denominamos esse fenômeno de *pejoração da média*, comumente ligado a sentimentos de inferioridade, vergonha, pessimismo ou incompetência (VIANA BRAZ, 2019).

Em face do aumento da descartabilidade e da instabilidade profissional, o vínculo do trabalhador com a organização passa a ser permeado pela preocupação com a empregabilidade. Em uma sociedade dividida entre “ganhadores” e “perdedores”, ninguém quer ser excluído, se tornar um desfilado (CASTEL, 2003; GAULEJAC, 2011). Em trabalho anterior, observamos que

[...] os trabalhadores “mais adaptados” podem fundamentalmente ser divididos em três grandes grupos: o primeiro é representado pelos

profissionais que incorporam de forma intensa os valores da cultura do heroísmo, da corrida ao mérito e acumulam um número significativo de experiências positivas e conquistas. Já no segundo grupo, encontram-se os profissionais que “jogam o jogo”, o “faz de conta”, mas que conseguem melhor equilíbrio na realização das distinções entre as demandas e atribuições do espaço profissional e familiar. Em um terceiro grupo, porém, localizam-se os trabalhadores que interiorizam em demasia os valores da cultura da excelência, todavia se frustram continuamente por não “alcançar seu lugar ao sol” ou por não ter seus trabalhos reconhecidos de forma suficiente (VIANA BRAZ, 2019, p. 260).

As organizações parecem tratar a dimensão emocional de modo superficial, sob a égide de uma lógica utilitária da psicologia humana. Predomina a concepção na qual os conflitos devem ser gerenciados e colocados a serviço da estrutura de rentabilidade da empresa. Fala-se em Inteligência Emocional (IE), Inteligência Relacional (IR), resiliência, automotivação, paixão pelo risco, versatilidade, mas ao mesmo tempo limitam-se os espaços de expressão genuína das emoções. Afinal, se o trabalhador exprime suas ansiedades e angústicas, pode ser considerado pelos demais como uma pessoa fraca e vulnerável. Os conflitos, portanto, são psicologizados e individualizados, em detrimento da pulverização das coletividades e da consciência de classe. Exige-se criatividade e autonomia dos trabalhadores, mas para isso precisam se submeter a processos serializados de socialização e são impedidos de questionar as estruturas ideológicas e de poder inerentes à gestão das organizações (VANDEVELDE-ROUGALE, 2017).

Diante desse contexto, fundamentalmente duas respostas desvelam-se majoritárias. No primeiro cenário, quando emerge nas organizações grande carga de sofrimento ou, inclusive, adoecimento, a resposta da gestão e dos trabalhadores tende a direcionar a questão para o indivíduo. Logo, por se tratar de “instabilidade emocional”, “fragilidade emocional”, “dificuldade em administrar seu estresse” etc, a resolução do problema é vista de forma categórica: indica-se a procura por médicos e/ou psicólogos, profissionais especialistas e encarregados de mitigar o sofrimento. No segundo cenário, convocam-se consultores especializados em Desenvolvimento Organizacional. Subtende-se que são profissionais preparados e aptos a resolverem as situações conflituosas, cuja finalidade é garantir a harmonia dos grupos, para que o *status quo* não seja ameaçado. Em geral, a partir de metodologias de

mudança organizacional consagradas no mundo corporativo (Programação Neurolinguística, *Coachings diversos*, Eneagrama etc), os referidos consultores atuam no plano dos comportamentos, segundo o paradigma da Abordagem-Solução⁷, de forma diretiva, focados em resultados esperados e com cronogramas delimitados. Certamente, essas abordagens alcançam relativos êxitos e são consagradas por lograrem os resultados desejados, mas não deixam de ser adaptativas e instrumentalizadoras. Não é nossa pretensão, contudo, se debruçar sobre essas questões.

Chamamos a atenção para o fato de que em ambos os cenários ocultam-se as origens dos conflitos. Individualiza-se toda sorte de sofrimento e psicologizam-se problemas cujos determinantes são de natureza social ou organizacional. Descarta-se que todo conflito psíquico tem em sua gênese um conflito social e que o mal-estar no trabalho tende a ser fruto de contradições estruturais não resolvidas pelas organizações (GAULEJAC, 2011).

Intervenção em Sociologia Clínica como possibilidade de ação

Por fim, a Sociologia Clínica oferece uma terceira via e nos convida a intervir nas organizações de forma sistêmica, colocando em questão também sua estrutura coletiva e jogos de poder (GAULEJAC, 1999/2012). É reforçada a necessidade de analisar os cenários de acordo com a perspectiva clínica da complexidade, incluindo ingredientes como a historicidade, as narrativas de vida, as emoções genuínas (inclusive as consideradas ameaçadoras) e as angústias. Tratar de fato os conflitos implica sair do paradigma da imediatidade e assumir que para mudar é preciso abandonar posições maniqueístas e metodologias prescritivas. Por meio da intervenção em Sociologia Clínica, é possível compreender o indizível, o não-dito e as contradições estruturais que permeiam os conflitos nas organizações de trabalho. O foco, portanto, a partir

⁷ Utilizado sobretudo na esfera do Desenvolvimento Organizacional, parte-se do pressuposto que o desenvolvimento do potencial humano deve ser encarado na perspectiva de um benefício à empresa (AMADO; FAUCHEUX; LAURENT, 1993). Os conflitos são tratados no nível da comunicação organizacional e da mudança de comportamentos, cuja finalidade é garantir a harmonia e adaptação dos trabalhadores à organização.

de intervenções grupais no espaço de trabalho, consiste em se aproximar o máximo possível do trabalho real e vivido pelos trabalhadores.

Nessa óptica, a vivência de um trabalhador se inscreve em movimentos existenciais dialéticos, frutos da confrontação de determinações sociais, familiares, genealógicas e psíquicas. Na tentativa de evitar tanto a individualização do sofrimento como a psicologização das contradições sociais, considera-se que problemáticas individuais e sócio-organizacionais imbricam-se irreduzivelmente a uma dimensão coletiva, que exige de qualquer interventor uma postura analítica compreensiva, crítica e complexa. Ao rejeitar perspectivas patologizantes ou instrumentalistas, a Sociologia Clínica convoca o pesquisador a construir uma postura sensível e aberta à compreensão dos sofrimentos dos trabalhadores, em situações mediadas ou não por uma institucionalidade formal. Igualmente, sua matriz pluridisciplinar coloca a abertura epistemológica como condição a realização de pesquisas e intervenções (GAULEJAC, 2011).

Nesta tese, objetivamos compreender as possibilidades e dificuldades da utilização de dois dispositivos de intervenção da Sociologia Clínica (os Grupos de Implicação e Pesquisa e o Organidrama), de modo a analisá-los enquanto alternativas de ação no contexto de trabalho brasileiro. Para tanto, três objetivos específicos foram norteadores de nossas aspirações: 1) explorar a construção histórica e o desenvolvimento teórico-metodológico da Sociologia Clínica; 2) analisar as possibilidades de construção de espaços de escuta, implicação e mudança a partir de suas modalidades de intervenção e postular possíveis adaptações de seu arcabouço metodológico, considerando as especificidades do cenário de trabalho brasileiro; 3) explorar e problematizar as dificuldades e impasses na utilização dos Grupos de Implicação e Pesquisa e do Organidrama nas organizações, a partir das experiências e reminiscências do pesquisador.

Orientamos-nos pela tradição francesa de pesquisadores e interventores que buscam compreender as transformações do mundo do trabalho. Nossa pesquisa, portanto, situa-se na continuação dos trabalhos pioneiros de Pagès

et al. (1987), Aubert e Gaulejac (1991/2007), Enriquez (1997a; 1997b) e ao lado de reflexões mais recentes, conduzidas no bojo do *Laboratoire de Changement Social et Politique* e do *Réseau International de Sociologie Clinique* (HANIQUE, 2004; DUJARIER, 2012; 2015; GAULEJAC, 2007, 2011; GAULEJAC; HANIQUE, 2015; VANDEVELVE-ROUGALE, 2017; GAULEJAC; COQUELLE, 2017; VIANA BRAZ, 2019).

No âmbito metodológico, a pesquisa foi realizada se utilizando de abordagem qualitativa, transversal e descritiva (TURATO, 2003). Uma vez que o pesquisador conduziu intervenções nos últimos três anos, em organizações públicas e privadas, a partir da Sociologia Clínica, os dados obtidos provêm de sua prática cotidiana. Em consonância com a metodologia utilizada por Tavares (2009) e de modo a resguardar eticamente a identificação das organizações e trabalhadores envolvidos, o material analisado foi proveniente de fragmentos das intervenções realizadas, constituídos a partir das *reminiscências do próprio pesquisador* em sua trajetória profissional. Essa metodologia parte do pressuposto que as experiências compartilhadas no cotidiano das organizações prescindem da reprodução literal e absoluta dos conteúdos trabalhados. O foco desse estudo, portanto, consiste em analisar na prática, dialética e recursivamente, as possibilidades e dificuldades de utilizar os Grupos de Implicação e Pesquisa e o Organidrama em situações de trabalho distintas, vivenciadas pelo pesquisador na condição de interventor.

Esta tese se justifica por múltiplos fatores. Há escassos relatos na literatura nacional sobre o Organidrama e os Grupos de Implicação e Pesquisa (GIP) e, dentre eles, nenhum realiza uma análise pormenorizada dos pressupostos e enquadres metodológicos desses dispositivos. Logo, nosso trabalho pode contribuir significativamente para a consolidação desse campo de estudos, considerando as particularidades do cenário de trabalho brasileiro. Além disso, os GIP e o Organidrama consideram a complexidade da lógica organizacional, ao partir da premissa que saúde mental e trabalho devem ser compreendidos como frutos de uma miríade de fenômenos de ordem familiar, social e existencial, mas também de estruturas políticas, ideológicas e gestionárias. Ao colocar a intervenção em Sociologia Clínica como pedra

angular desta tese, busca-se dar visibilidade a um arcabouço teórico, técnico e metodológico ainda pouco explorado no Brasil, mas que nos convida a sermos mais sensíveis ao sofrimento no trabalho, para além do realismo econômico. Seu diferencial reside na superação do paradigma hegemônico e individualizante de intervenção, pelo fato que as intervenções em situações de mal-estar, conflitos e sofrimento no trabalho se dão condicionalmente em grupo e/ou no espaço laboral.

No plano estrutural, no primeiro capítulo nos dedicamos à circunscrição das metamorfoses ocorridas no mundo do trabalho no último século. Discutimos o papel da globalização financeira na divisão social do trabalho brasileira, problematizamos seus impactos psicossociais, imbricados nas novas formas de sofrimento no trabalho e vislumbramos demarcar como o campo da Psicologia Organizacional e do Trabalho se modificou historicamente. Encerramos esse tópico, ainda, com algumas reflexões sobre a gramática global do futuro do trabalho.

No segundo capítulo direcionamos nossos esforços à elucidação da construção e genealogia da Sociologia Clínica. Enfatizamos seus principais pressupostos conceituais e suas filiações epistemológicas. Depois, fizemos uma incursão institucional por três movimentos centrais, localizados na França, nos Estados Unidos e no Canadá.

No terceiro capítulo esboçamos um mapeamento breve do desenvolvimento da Sociologia Clínica na Europa, Ásia, África, Oceania e na América Latina. Identificamos e exploramos um processo de divisão da abordagem clínica francófona e anglófona, o que nos permitiu compreender as particularidades do movimento brasileiro e de sua inserção nas universidades de nosso país.

No quarto capítulo adentramos de fato nas discussões sobre as premissas e enquadres metodológicos do Organidrama e dos Grupos de Implicação e Pesquisa, objetos desta tese. Para tanto, exploramos como se operam os métodos da análise dialética e da dinâmica afetiva dos grupos,

prefigurados por Pagès, bem como apresentamos os fundamentos do sociodrama de Jacob Lévy Moreno e do teatro-fórum de Augusto Boal.

O quinto e último capítulo desta tese foi estruturado a partir de experiências que tivemos em organizações públicas, privadas e em grupos abertos (espontâneos). Subsidiados pelas discussões precedentes, refletimos sobre como se opera a construção das intervenções, explicitamos as principais premissas que sustentam a escuta e a implicação do interventor e, por fim, problematizamos alguns impasses e limites encontrados na utilização dos Grupos de Implicação e Pesquisa nas organizações.

CONCLUSÃO

Em diversas ocasiões em que estivemos juntos, Vincent de Gaulejac fazia questão de sublinhar que a dimensão do vivido nas narrativas de vida, central às intervenções em Sociologia Clínica, é tanto portadora de sentido como de ilusão e de dissimulação. Logo depois, ele costumava retomar dois célebres aforismos proferidos por Henri Lefèbvre para denunciar as armadilhas do campo das Ciências Sociais: *o vivido sem conceito* e *o conceito sem vida*. Em resumo, o primeiro corresponde à imersão no vivido, nos sentimentos e emoções por um indivíduo, como se o processo de delineamento de uma narrativa fosse, por si só, produtor de sentido. Nossas vidas não possuem uma lógica linear, fechada e coerente. Acreditar que o saber do sujeito advém tão somente de seu interior, da expressão de sua narrativa, significa ceder a uma ilusão biográfica empirista (BOURDIEU, 1986). Qualquer análise integrativa das vivências de um sujeito não prescinde da interrogação sobre os condicionantes concretos de sua existência e, para isso, o rigor teórico se revela fundamental. O segundo aforismo abarca a armadilha oposta, isto é, compreende os casos em que pesquisadores emergem tão somente na teoria, ficam reclusos na academia, se servem de esquemas conceituais substancialmente sofisticados para analisar os determinismos de nossa sociedade, porém acabam mitigando a subjetividade e a criatividade social. Tratam da realidade social e do vivido como elementos estanques, de forma que essa ilusão objetivista não concebe o devir humano, o potencial do sujeito em construir sua própria historicidade, em mudar os cursos de sua história.

Em nossas intervenções, sempre tomamos essa reflexão como um pano de fundo cardeal, um aspecto regulador da construção de nossa escuta. Embora potente, não basta que um trabalhador narre sua própria história e faça um trabalho de imersão em sua interioridade. A afirmação de sua posição de sujeito e, mais ainda, as mudanças que se desenham nas intervenções, somente são possíveis pois fazemos um trabalho entrecortado por reflexões

sobre relações concretas existentes nas dinâmicas grupais e no funcionamento organizacional. Há uma relação de irreducibilidade entre essa narrativa e seu respectivo contexto, que somente pode ser analisado mediante a consolidação de um *corpus* teórico-metodológico sólido.

Nessa mesma direção, tentamos evitar cair nessas armadilhas no processo de escrita desta tese. O maior receio que tínhamos era não conseguir transpor para o leitor a intensidade, riqueza e o caráter imprevisível dos encontros com os trabalhadores, cujas histórias de vida parecem sempre inenarráveis em terceira pessoa. Queríamos manter o rigor científico próprio da abordagem clínica, porém sem passar ao leitor uma mensagem fria e sem cair também no engodo da construção de esquemas conceituais e sistemas de classificação. O questionamento da implicação do pesquisador e de seu lugar de fala foi fundamental nesse percurso. *Como alcançar os objetivos propostos na tese se o próprio autor deste trabalho já saiu previamente em defesa dos Grupos de Implicação e Pesquisa e do Organidrama? Seria esse um fator limitador do alcance de nossas críticas?*

No âmbito das limitações desta tese, decerto que algumas questões podem ser trazidas em primeiro plano. Embora tenhamos realizado variadas intervenções nos últimos anos, optamos por explorar com mais profundidade três contextos distintos (organizações privadas, instituições públicas e grupos espontâneos), que nos revelam as potencialidades e plasticidade do repertório teórico-metodológico da Sociologia Clínica. Talvez alguns leitores mais adeptos do empirismo, da razão analítica e causal, possa dizer que esta tese não avaiar efetivamente a viabilidade da utilização dos dois dispositivos supracitados em território brasileiro, pois abarca uma amostragem reduzida e não replicável. Responderíamos, nesse caso, que nunca tivemos a pretensão de construir modalidades de intervenção replicáveis, pois para isso teríamos que adotar uma linguagem prescritiva, que foge das premissas de nossos referenciais. Em contraposição, vislumbramos que esta tese sirva de referência, para que outros pesquisadores no Brasil deem continuidade a esse processo de exploração dos Grupos de Implicação e Pesquisa e do Organidrama. Esperamos, portanto, que nosso texto possa despertar no leitor a

curiosidade epistemofílica e o desejo em criar suas próprias estratégias, contando que estejam em consonância com os princípios e diretrizes que orientam a escuta e implicação do pesquisador.

O fato do encontro com o objeto desta tese ser indissociável do processo de formação do pesquisador, não parece ter produzido limitações expressivas. Como trocamos o princípio da neutralidade pela postura questionadora e vigilante de nossa implicação, foi possível manter o distanciamento necessário à realização de críticas, sobretudo àquelas vinculadas aos enquadres metodológicos e dificuldades encontradas em nossas intervenções. Os conteúdos deste trabalho, enfim, são também frutos de uma narrativa produzida por um sujeito, no curso de um itinerário único, o que faz com que a realidade seja sempre apreendida de forma parcial, mediante suas faculdades intelectuais e emocionais. E é por isso que falamos em distanciamento, mas não em imparcialidade.

Uma vez que este texto foi iniciado com um relato autobiográfico, procedido de um capítulo sobre o trabalho e emprego na hipermodernidade, intentamos sublinhar que para operar os métodos da Sociologia Clínica é preciso que o pesquisador se implique no processo de construção de sua historicidade, que se confronte com as contradições de sua história e que não perca de vista o olhar crítico acerca dos impasses psicossociais inerentes à situação concreta de sua existência. Rejeitamos abordagens as quais prefiguram estratégias de mudanças de grupos (em organizações) que não questionam a natureza sócio-histórica do trabalho na sociedade atual. Esperamos ter contribuído com esse debate, em especial no que toca as divergências entre Psicologia Organizacional e Psicologia do Trabalho, bem como os pontos de intersecção desta última com a Sociologia Clínica.

Ao resgatar a genealogia da Sociologia Clínica a partir de suas perspectivas distintas (de sua institucionalização e de seus pressupostos conceituais), nos deparamos com uma abordagem complexa, a qual nasce no seio do movimento institucionalista francês e se consolida após sucessivos debates teóricos e embates institucionais. Esse percurso é fundamental,

porque para além da criação de dispositivos de pesquisa e intervenção, é nesse momento que essa abordagem clínica estabelece qual sua concepção de sujeito, de indivíduo, de sociedade, de grupos, organizações e instituições. Influenciada no campo psicológico por Freud, Rogers, Moreno, Tosquelles, Jaques, Mendel e Lewin, assim como no âmbito sociológico por Mauss, Weber, Marx, Oury, Lapassade, Loureau e Bourdieu, a Sociologia Clínica assenta seu arcabouço compreensivo a partir de três registros: o sujeito da razão, o sujeito do desejo e o sujeito sócio-histórico. Portanto, ela aceita as análises materialistas da história, contudo coloca no centro do debate a irreduzibilidade do social e do psíquico, o que a torna notadamente comprometida com a compreensão das vivências dos indivíduos, da particularidade de suas subjetividades e do potencial em afirmar-se como sujeitos de desejo. Nas intervenções, esse movimento constrói-se sem desprezar a complexidade das dinâmicas grupais, os jogos de poder nas organizações e as projeções inconscientes nas instituições.

Permitimos-nos ainda lançar uma discussão sobre as distinções entre Psicossociologia e Sociologia Clínica. Problematizamos a superação da conceituação feita por Enriquez (1993) e propusemos que uma tênue diferenciação se delineou historicamente em torno de duas perspectivas, sobretudo na França, Canadá e Estados Unidos: institucional e da criação de ferramentas específicas de intervenção. No Brasil, em contraposição, no plano institucional Psicossociologia e Sociologia Clínica são tomadas comumente como sinônimos e suas distinções se deram por critérios de conveniência, a depender dos cursos de graduação e pós-graduação em que foram inseridas. Em relação às ferramentas de intervenção, contudo, pudemos encontrar as bases explicativas que justificam a carência de trabalhos na literatura brasileira sobre os Grupos de Implicação e Pesquisa e o Organidrama.

Sobretudo a partir dos anos de 1990, a produção intelectual da Sociologia Clínica começou a se dividir em duas vertentes: o movimento francófono e o anglófono. Três importantes instituições tornaram-se canais privilegiados de trocas de conhecimentos entre pesquisadores, a saber, a *International Sociological Association (ISA)*, em especial pelas representações

no eixo RC-46 (Sociologia Clínica), o *Institut International de Sociologie Clinique* (IISC, atualmente extinto) e o *Réseau International de Sociologie Clinique* (RISC). Curiosamente, embora em termos institucionais os pesquisadores das vertentes anglófonas e francófonas se organizem entre si, mediante órgãos de representação, publicações coletivas e organização de congressos, esse intercâmbio não se consolidou na prática, de modo que há distinções expressivas entre ambos, relacionadas às suas perspectivas epistemológicas e aos instrumentos e métodos utilizados em suas pesquisas e intervenções. No mapeamento breve que fizemos das produções em torno na Sociologia Clínica a partir dessas redes, apreendemos que a corrente francófona é articulada por trabalhadores da França, Bélgica, Canadá, Suíça, Grécia, Turquia, Itália, Espanha, Rússia, China, Colômbia, México, Argentina, Uruguai, Chile e Brasil, enquanto a anglófona abarca países como os Estados Unidos, Noruega, Japão, Filipinas, Malásia, África do Sul, Austrália, Alemanha e Polônia. Nesta última, ainda que as narrativas de vida sejam utilizadas, não encontramos nenhum estudo que tenha se servido dos Grupos de Implicação e Pesquisa ou do Organidrama, o que revela um dos efeitos colaterais da cisão identificada em nosso trabalho.

Passando pelas contribuições de Pagès, Moreno e Boal, resgatamos o contexto social e histórico em que os Grupos de Implicação e Mudança e o Organidrama foram criados. Explicitamos em detalhes suas condições, enquadres, premissas metodológicas e conceituais, notadamente entrecortadas pelas narrativas de vida, as quais garantem a operacionalização de um duplo movimento de trabalho: individual e coletivo, emocional e racional.

No último capítulo desta tese apresentamos ao leitor algumas reflexões e proposições de mudanças, construídas a partir de nossa experiência em diferentes contextos de trabalho. Na iniciativa pública como na privada, de maneira contínua nos deparamos com uma assimetria entre o desejo de mudanças a partir da produção de novos sentidos às vivências dos trabalhadores e a expectativa de que a intervenção proporcionará necessariamente ganhos em termos de ampliação de performance e eficácia organizacional. A forma como identificamos e manejamos a transferência,

nesse reduto também possui implicações na compreensão da demanda das organizações, que por seu turno sempre estará atravessada por contradições estruturais, próprias à lógica da sociedade de produção capitalista. Tomando como exemplo uma intervenção em uma empresa privada, refletimos sobre esses impasses e sobre como eles se apresentam na dinâmica afetiva dos grupos, quando utilizamos os dispositivos de intervenção da Sociologia Clínica.

Depois, trouxemos o recorte de um Grupo de Implicação e Pesquisa o qual conduzimos para explorar em cada etapa como se dá o manejo do trabalho reflexivo e emocional dos participantes pelo interventor. Problematizamos o potencial da análise das trajetórias sociais, articuladas com a expressão dos projetos parentais e mostramos ao leitor em que medida esse percurso se revela fundamental para que identifiquemos elementos comuns que surgem na dinâmica afetiva do coletivo. Foi, então, a partir desse material que discorremos sobre o funcionamento de uma sessão de Organidrama e, por conseguinte, sobre as múltiplas faces dos conflitos que emergem nessas situações. Todo esse caminho somente é possível quando o pesquisador compromete-se com a construção de uma escuta orientada por princípios elementares da Sociologia Clínica. Acompanhado de um trabalho constante sobre sua implicação com o campo institucional, é isso que o permite atuar como um facilitador, garantindo que os trabalhadores afirmem-se como sujeitos no trabalho.

Sobre os limites e impasses dessa abordagem, fizemos algumas considerações sobre as dificuldades na transmissão da Sociologia Clínica nas universidades, em especial no que concerne a construção da escuta dos estudantes e às limitações provenientes da rigidez das instituições de ensino. Problematizamos como se dá a avaliação de nossas intervenções e de que maneira ela é indissociável dos sistemas de poder e autoridade das organizações. Concluímos que é possível e frutífero utilizar o Organidrama de forma isolada, porém indicamos que os Grupos de Implicação e Pesquisa deveriam ser colocados em prática somente após o pesquisador se certificar de que possui uma sólida inserção institucional e que tem uma efetiva compreensão da dinâmica afetiva dos grupos onde está inserido. Do contrário,

em cenários onde predomina a desconfiança e a rivalidade está exacerbada, os espaços de expressão serão limitados, o que impede a reconstrução das narrativas dos trabalhadores. Nessas situações, propusemos uma variação e modificação do esquema de análise das trajetórias sociais, que nos permite focar nosso trabalho no registro da historicidade organizacional. Por fim, enxergamos nos grupos espontâneos canais privilegiados, pois neles há maior implicação entre os participantes, além de alcançarmos os trabalhadores que vivem nas franjas da informalidade de nossa sociedade.

Se as organizações são apreendidas como um lugar de experiência, a partir do qual trabalhamos em favor da construção de autonomia, emancipação e mudança social, não podemos perder de vista que compete a nós, pesquisadores, lutar contra toda forma de obscurantismo, totalitarismo e instrumentalismo eventualmente presentes no mundo do trabalho. À guisa de conclusão, esperamos que o leitor tenha encontrado neste texto ferramentas conceituais e metodológicas que o auxiliem a construir outras propostas de intervenção. Além disso, assumimos que nosso objetivo foi integralmente alcançado se o leitor tiver também encontrado pistas para a compreensão das multideterminações que atravessam sua história e para a construção de sua própria historicidade.

REFERÊNCIAS

AMADO, G.; FAUCHEUX, C. LAURENT, A. Mudança Organizacional e realidades culturais: contrastes franco-americanos. In: J. F. CHANLAT. **O indivíduo na organização: dimensões esquecidas**. pp. 123-161, v. 3, São Paulo: Atlas, 1993.

_____. Do interesse da psicanálise para compreender as organizações: uma discussão com Elliot Jaques. In: ARAÚJO, J. N. G; CARRETEIRO, T. C. (Orgs.) **Cenários sociais e abordagem clínica**. pp. 221-230. São Paulo: Escuta. Belo Horizonte: Fumec, 2001.

ANCELIN-SCHUTZENBERGER, A. **Le Psychodrame**. Paris: Payot, 2003.

_____. MORENO, J. L. In: BARUS-MICHEL, J.; ENRIQUEZ, E.; LÉVY, A. **Dicionário de Psicossociologia**. pp. 414-423. Lisboa: Climepsi, 2005.

ANDRE, M. C. Psicossociologia e negritude: breve reflexão sobre o "ser negro" no Brasil. **Boletim da Academia Paulista de Psicologia**. v. 27, n. 2, p. 87-102, 2007.

ANTUNES, R. **Os sentidos do trabalho: ensaio sobre a afirmação e negação do trabalho**. São Paulo: Boitempo Editorial, 1999.

_____; POCHMANN, M. A desconstrução do trabalho e a explosão do desemprego estrutural e da pobreza no Brasil. In: A. D. CI-MADAMORE; A. D. CATTAN (Orgs.) **Produção de pobreza e desigualdade na América Latina**. pp. 195-210, Porto Alegre: CLACSO/Tomo, 2007.

_____. **O privilégio da servidão: o novo proletariado de serviços na era digital**. São Paulo: Boitempo, 2018.

ARAÚJO, A. M. Hacia una identidad latinoamericana. Los movimientos de mujeres en Europa y América Latina. **Nueva Sociedad**. v. 1, n. 78, p. 89-92, 1985.

_____. (Org.) **Impactos del desempleo**. Transformaciones en la subjetividad. Montevideo: Argos Ediciones, 2002.

_____; WEISZ, C. B. Desempleo e incertidumbre laboral: transformaciones en la subjetividad. **XI Jornadas de Investigación**. Facultad de Psicología - Universidad de Buenos Aires, Buenos Aires, 2004. Acesso em 06 de agosto de 2019. Disponível em: <https://www.aacademica.org/000-029/395.pdf>

_____. (Org.) **Sociología Clínica: una epistemología para la acción.** Montevideo: Psicolibros Universidad, 2011.

_____; CARDOZO, A. Tiempos acelerados y espacios nómades de la hipermodernidad. Reflexiones abiertas. **Psicología, Conocimiento y Sociedad.** v. 6, n. 2, p. 209-222, 2017.

ARAUJO, J. N. G. La Reinvention Du Quotidien: Une Approche Clinique Du Desir de Reconnaissance. **Psychologie Clinique,** v. 18, p. 35-46, 1990.

_____; CARRETEIRO, T. (Orgs.) **Cenários sociais e abordagem clínica.** São Paulo: Escuta. Belo Horizonte: Fumec, 2001.

_____. Relações sociais: as trocas e os mitos de um mundo sem trocas. **Psicologia USP,** v. 17, n. 1, p. 155-179, 2006.

_____; GREGGIO, M. R. Trabalhadores rurais: dimensões psicossociais do sofrimento. **Pulsional Revista de Psicanálise.** v. 194, n. 1, p. 66-76, 2008.

_____; FERREIRA, M. C.; ALMEIDA, C. P. Trabalho e saúde: cenários, impasses e alternativas no contexto brasileiro. **Serviço Social & Saúde.** v. 15, n. 1, p. 125-132, 2016.

ARNAUD, G. **Psychanalyse et organisations.** Paris : Armand Colin, 2004.

_____; FUGIER, P. ; VIDAILLET, B. **Psychanalyse des organisations.** Théories, cliniques, interventions. Sociologie Clinique. Toulouse : Érès, 2018.

AUBERT, N. (Org.). **L'individu hypermoderne.** Sociologie Clinique. Toulouse: Érès, 2004.

_____; GAULEJAC, V. (1991) **Le coût de l'excellence.** Nouvelle Édition. Paris: Éditions du Seuil, 2007.

_____. Violence du temps et pathologies hypermodernes. **Cliniques Méditerranéennes.** v. 1, n. 78, p. 23-38, 2008.

AUSTIN, D. The Development of Clinical Sociology. **The Journal of Applied Behavioral Science.** v. 17, n. 3: p. 347-356, 1981.

AZEVEDO, C. S.; BRAGA, F. C.; CASTILHO SÁ, M. Indivíduo e a mudança nas organizações de saúde: contribuições da psicossociologia. **Cadernos de Saúde Pública.** v. 18, n. 1, p. 235-247, 2002.

_____. **Sob o domínio da urgência:** o trabalho de diretores de hospitais públicos no Rio de Janeiro. Tese de Doutorado. Instituto de Psicologia da Universidade de São Paulo (USP). 351f, 2005.

BADACHE, R. De l'improvisation à l'écriture. Utilisation de l'écriture dans la méthode du théâtre institutionnel. **Vie Sociale**. v. 1, n. 9, p. 81-87, 2015.

BAHRAMMIRZAEI, A. A comparative survey of artificial intelligence applications in finance: artificial neural networks, expert system and hybrid intelligent systems. **Neural Computing and Applications**. v. 19, n. 8, p. 1165-1195, 2010.

BANCO CENTRAL DO BRASIL. **Relatório de Estabilidade Financeira**. v. 18, n. 2, outubro de 2019. Acesso em 18 de novembro de 2019. Disponível em: <https://www.bcb.gov.br/content/publicacoes/ref/201910/RELESTAB201910-refPub.pdf>

BAREICHA, P.; NUNES, C. G. F. Sociodrame: une méthode de recherche-action en Sociologie Clinique. In: FORTIER, I.; HAMISULTANE, S.; RUELLAND, I.; RHÉAUME, J.; BEGHDADE, S. **Clinique en sciences sociales: sens et pratiques alternatives**. pp. 144-156. Québec: Presses de l'Université du Québec, 2018.

BARUS-MICHEL, J. Intervir enfrentando os paradoxos da organização e os recuos do ideal. In: ARAÚJO, J. N. G.; CARRETEIRO, T. C. O. (Orgs.) **Cenários sociais e abordagem clínica**. pp. 171-186, São Paulo : Escuta. Belo Horizonte : Fumec, 2001.

_____. **O sujeito social**. Tradução de Eunice Dutra Galery e Virgínia Mata Machado. Belo Horizonte: Editora PUC Minas, 2004.

BARROS, V. A. **De la représentation au pouvoir: une étude sur les trajectoires politiques des dirigeants syndicaux au Brésil**. Lille : Presses Universitaires du Septentrion, 2000.

_____; NOGUEIRA, M. L. M. Identidade e trabalho: reflexões a partir de contextos precarizados. **Revista Educação e Tecnologia**. v.12, n. 3, p. 10-12, 2007.

_____. Pra que servem as prisões? In TORRES, R.; MATOS, V. (Orgs.) **Estudos de execução criminal, direito e psicologia**. pp. 95-105. Belo Horizonte: TJ/CRP, 2009.

BENDASSOLLI, P. F.; SOBOLLL, L. A. (Orgs.) **Clínicas do trabalho: novas perspectivas para compreensão do trabalho na atualidade**. São Paulo: Atlas, 2011.

_____; _____. (Orgs.) **Métodos de pesquisa e intervenção em psicologia do trabalho: clínicas do trabalho**. São Paulo: Atlas, 2014.

BENEVIDES, M. V. M. **O governo Kubitschek**. Desenvolvimento econômico e estabilidade política, 1956-1961. ed. 3, Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1979.

BERTAUX, D. Metodologia do relato de vida em Sociologia. In TAKEUTI, N. M.; NIEWIADOMSKI, C. **Reinvenções do sujeito social: teorias e práticas biográficas**. pp. 23-32. Porto Alegre: Sulina, 2009.

BEWS, N.; UYS, T. The impact of organisational restructuring on perceptions of trustworthiness. **Journal of Industrial Psychology**. v. 28, n. 4, p. 21-28, 2002.

BOAL, A. (1975) **Jogos para atores e não atores**. Tradução de B. W. Mastrobuono e C. Euvaldo. São Paulo: Cosac naify, 2015.

_____. Trajetória de uma dramaturgia, Augusto Boal. In: SILVA, A. P.; PEIXOTO, F. **Teatro de Augusto Boal**. pp. 9-19, São Paulo: Hucitec, 1986.

BOGNER, K.; PFORR, K.; MENOLD, N. Attitude strength moderates adverse effects to questionnaire design. **Mathematical Population Studies**. v. 25, n. 2, p. 99-111, 2018.

BOLLE DE BAL, M. **La sociologie de langue française**. Un enjeu, un combat. Souvenirs d'un acteur. Paris: l'Harmattan, 2001.

BOURDIEU, P. (1974) **A economia das trocas simbólicas**. Organização e seleção de Sérgio Miceli. Coleção estudos, ed. 8, São Paulo: Perspectiva, 2015.

_____. L'illusion biographique. **Actes de la recherche em sciences sociales**. n. 62-63, p. 69-72, 1986.

BRESSER-PEREIRA, L. C. (Org.) **Crise global e o Brasil**. Rio de Janeiro: Editora FGV, 2010.

CALDAS, M. **Demissão: causas, efeitos e alternativas para empresa e indivíduo**. São Paulo: Atlas, 2000.

CANÊDO, L. B. **A Revolução Industrial: tradição e ruptura**. Campinas: Ed. Universidade Estadual de Campinas, 1985.

CARDOSO, W. Educação tem 62 afastamentos por transtorno mental ao dia. **Folha de São Paulo**. São Paulo Agora. Edição de 10/06/2019. Acesso em 17 de novembro de 2019. Disponível em: <https://agora.folha.uol.com.br/sao-paulo/2019/06/educacao-tem-62-afastamentos-por-transtorno-mental-ao-dia.shtml?>

CARRETEIRO, T. C. O. C. **Exclusion Sociale et Construction de l'Identité**. Paris: Harmattan, 1993.

_____. Sofrimentos sociais em debate. **Revista de Psicologia da USP**. v. 14, n. 3, p. 57-72, 2003.

_____; UDE, W. Juventude e virilidade: a construção social de um ethos guerreiro. **Pulsional: Revista de Psicanálise**. v. 20, n. 191, p. 63-73, 2007.

_____. Fazer de uma coletividade uma história coletiva. In TAKEUTI, N. M.; NIEWIADOMSKI, C. (Orgs.) **Reinvenções do sujeito social: teorias e práticas biográficas**. pp. 126-140. Porto Alegre: Sulina, 2009.

_____; BARROS, V. A. Clínicas do Trabalho: contribuições da Psicossociologia no Brasil. In: BENDASSOLLI, P. F.; SOBOLL, L. A. P. (Orgs.) **Clínicas do Trabalho: Novas perspectivas para compreensão do trabalho na atualidade**. pp. 208-226. São Paulo: Atlas, 2011.

_____; ARAUJO, J. N.; BARROS, V. A. Créativité et modalités de resistance au travail. **Revue Education Permanente**. v. 1, n. 202, p. 17-27, 2015.

_____. La psicología y sociología clínica en el Cono Sur: perspectivas en desarrollo. Mesa redonda ocurrida em 02 de setembro de 2016, Córdoba, Argentina. In: **3º Simposio Internacional Trabajo, Actividad y Subjetividad e 1º Coloquio de Psicología Y Sociología**. Universidad Nacional de Córdoba, Argentina. 01 e 02 de setembro de 2016.

_____. História de vida laboral e aposentadoria: uma metodologia em discussão. **Psicologia em Revista**. v. 23, n. 1, p. 430-441, 2017.

CASTEL, R. **Le psychanalisme**. Paris: Maspéro, 1973.

_____. **La insécurité sociale**. Paris: Seuil, 2003.

CASTRO, F. J. G. **Burnout, projeto de ser e paradoxo organizacional**. Tese de Doutorado. Universidade Federal de Santa Catarina. Centro de Filosofia e Ciências Humanas. Programa de Pós-graduação em Psicologia. 392f, 2010.

_____; GUERRERO, P. L'organidrame: um dispositif d'intervention et recherche em sociologie clinique. In: V. GAULEJAC; F. GIUST-DESPRAIRIES; A. MASSA, (Orgs.) **La recherche clinique en sciences sociales**. pp. 219-236. Sociologie Clinique. Toulouse : Érès, 2013.

_____; ALVAREZ, M. G.; LUZ, R. Modo de produção flexível, terceirização e precariedade subjetiva. **Cadernos de Psicologia Social do Trabalho**. v. 20, n. 1, p. 43-54, 2017.

_____. **Marx e o século XXI: notas para uma teoria crítica da sociedade.** Marília: Lutas Anticapital, 2019a.

_____. Organidrame. In: VANDEVELDE-ROUGALE, A.; FUGIER, P. (Orgs) **Dictionnaire de Sociologie Clinique.** pp. 442-444. Toulouse: Érès, 2019b.

CHIAVENATTO, J. J. **O golpe de 64 e a ditadura militar.** São Paulo: Moderna, 1994.

CLARK, E. J.; FRITZ, J. **Clinical Sociology Courses: syllabi, exercises and annotated bibliography.** Washington: American Sociological Association Teaching Resources Center, 1984.

_____. The Development of Contemporary Clinical Sociology. **Clinical Sociology Review.** v. 8, n. 1, p. 100-115, 1990.

_____; FRITZ, J. M. RIEKER, P. (Orgs.) **Clinical Sociological Perspectives on Illness & Loss: the linkage of theory and practice.** Philadelphia: The Charles Press, 1990.

CORREA, A. M. Reflexiones acerca de los grupos de implicación en las prácticas de investigación. In: NOCETTI, M. R.; PAULÍN, H. (Orgs.) **Coloquio de Investigación Cualitativa.** Subjetividades y Procesos sociales. pp. 53-59. Córdoba: Universidad Nacional de Córdoba, 2011a.

_____. Derechos humanos y subjetividad: narrativas de internos/as del Servicio Penitenciario en Córdoba capital. **Acciones e Investigaciones Sociales.** v. 1, n. 30, p. 29-42, 2011b.

CRISTINAT, M.; LEFEBVRE, R.; LEFEBVRE, J. Histoire de vie et théâtre : une intervention dans un service public. In : GAULEJAC, V.; LEGRAND, M. (Orgs.) **Intervenir par le récit de vie: entre histoire collective et histoire individuelle.** pp. 117-148. Sociologie Clinique. Paris : Érès, 2013.

DA SILVA, G. E; HASHIMOTO, F. Gestão estratégica: a toxicomania organizacional e a naturalização do sofrimento no trabalho. **Enfoques.** v. 11, n. 1, p. 29-48, 2012.

DEJOURS, C. **Trabalho Vivo: Trabalho e Emancipação.** Tradução de Frank Soudant. Brasília: Paralelo 15, 2012.

DEVEREUX, G. (1967) **De l'angoisse à la méthode dans les sciences du comportement.** Paris: Flammarion, 1980.

DUJARIER, M. **L'idéal au travail.** ed. 2. Paris: Presses Universitaires de France, 2012.

DUJARIER, M. **Le management désincarné** : Enquête sur les nouveaux cadres du travail. Paris: La Découverte, 2015.

DURKHEIM, E. (1912) **As formas elementares da vida religiosa**: o sistema totêmico na Austrália. Tradução de Paulo Neves. São Paulo: Martins Fontes, 2000.

ENRIQUEZ, E. **De la horde à l'état**: essai de psychanalyse du lien social. Paris: Gallimard, 1983.

_____. **Da horda ao Estado**: psicanálise do vínculo social. Tradução de Teresa Cristina Carreiro e Jacyara Nasciutti. Rio de Janeiro: Zahar, 1990.

_____. **L'approche clinique: gènes et développement em France et em Europe de l'Ouest**. In : GAULEJAC, V. ; ROY, S. (Orgs.) **Sociologies Cliniques**. pp. 19-35. Marseille : Hommes et Perspectives, 1993.

_____; HOULE, G.; RHEAUME, J.; SEVIGNY, R. (Org.) **L'analyse clinique dans les sciences humaines**. Montréal: Éditions Saint-Martin, 1993.

_____. O papel do sujeito humano na dinâmica social. In: MACHADO, M. N. M.; CASTRO, E. M.; ARAÚJO, J. N. G.; ROEDEL, S. (Orgs.) **Psicossociologia**: análise social e intervenção. Tradução de Sônia Roedel. pp. 27-43, Belo Horizonte: Autêntica, 1994.

_____. **A organização em análise**. Tradução de Francisco da Rocha Filho. Petrópolis: Vozes, 1997a.

_____. **Les jeux du pouvoir et du désir dans l'entreprise**. Paris : Desclée de Brouwer, 1997b.

ERNEST, N.; CARROLL, D.; SCHUMACHER, C.; CLARCK, M.; COHEN, K.; LEE, G. Genetic Fuzzy based Artificial Intelligence for Unmanned Combat Aerial Vehicle Control in Simulated Air Combat Missions. **Journal of Defense Management**. v. 6, n. 1, p. 1-7, 2016.

ESPINOZA, F. Analyser les silences de l'histoire par les récits de vie. In : GAULEJAC, V.; GIUST-DESPRAIRIES, F.; MASSA, A. (Orgs.) **La recherche clinique en sciences sociales**. pp. 237-248. Sociologie Clinique. Paris: Érès, 2013.

FACHIN, R. C.; CAVEDON, N. R. Em busca da especificidade da influência francesa na análise organizacional no Brasil. **Cadernos EBAPE.BR**. v. 1, n. 1, p. 01-13, 2003.

FERES-CARNEIRO, T. (Org.) **Casal e família**: permanências e rupturas. São Paulo: Casa do Psicólogo, 2009.

FLEURY, A.; FLEURY, M.T.L. **Multinationais brasileiras**: competências para a internacionalização. Rio de Janeiro: Editora FGV, 2012.

FRAZE, J. Displaced workers: Okies of the '80s. **Personnel Administrator**. v. 33, n. 1, p. 42-51, 1988.

FREUD, S. (1913) **Tótem y tabú**. Algunas concordancias en la vida anímica de los salvajes y de los neuróticos. In: Obras Completas, vol. XIII. Buenos Aires: Amorrortu, 1996.

_____. (1918) **Nuevos caminos de la terapia psicoanalítica**. In: Obras Completas, vol. XVII. Buenos Aires: Amorrortu, 1996.

_____. (1921) **Psicología de las masas y análisis del yo**. In: Obras Completas, vol. XVIII. Buenos Aires: Amorrortu, 1996.

FREY, C. B. K.; OSBORNE, M. A. The Future of Employment: How Susceptible are Jobs to Computerization? **Technological Forecasting and Social Change**. v. 114, n. 1, p. 254-280, 2017.

FRITZ, J. M. Practicing Clinical Sociology: Clients in the Classroom. **American Behavioral Scientist**. v. 22, n. 4, p. 577-588, 1979.

_____. **The Clinical Sociology Handbook**. New York: Garland, 1985.

_____; CLARK, E. (Orgs.) **The Clinical Sociology Resource Book**. Washington: American Sociological Association Teaching Resources Center, 1986.

_____. The History of Clinical Sociology. **Sociological Practice**. v. 7, n. 1, p. 72-95, 1989.

_____. (Org.) **The Clinical Sociology Resource Book**. Washington DC: American Sociological Association Teaching Resources Center, 1991.

_____. La Sociologie Clinique aux États-Unis. In: GAULEJAC, V. ; ROY, S. (Orgs.) **Sociologies Cliniques**. pp. 36-42. Marseille : Hommes et Perspectives, 1993.

_____. (Org.) **International Clinical Sociology**. New York: Springer, 2008.

_____; RHÉAUME, J. (Orgs.) **Community Intervention: Clinical Sociology Perspectives**. Clinical Sociology: Research and Practice. New York: Springer, 2014.

FOURNIER, M.; HOULE, G. La sociologie québécoise et son objet: problématiques et débats. **Sociologie et Sociétés**. v. 12, n. 2, p. 21-44, 1980.

GARGANO, G. Art and Science in Italian Clinical Sociology. In: FRITZ J. M. (Org.) **International Clinical Sociology**. pp. 153-169. Springer: New York, 2008.

GAULEJAC, V. (1987) **La névrose de classe**. Paris: Éditions Payot & Rivages, 2016.

_____ ; AUBERT, N. **Femmes au singulier**. Paris : Klincksieck, 1990.

_____ ; ROY, S. (Orgs.) **Sociologies Cliniques**. Re-Connaissances. Marseille : Hommes et perspectives, 1993.

_____ ; TABOADA-LEONETTI, I. **La lutte des places**. Paris: Hommes et Perspectives, 1994.

_____. (1999) **L'histoire en héritage**: roman familial et trajectoire sociale. Paris: Éditions Payot & Rivages, 2012.

_____. Psicossociologia e Sociologia Clínica. In: ARAÚJO, J. N. G.; CARRETEIRO, T. C. (Orgs.) **Cenários Sociais e Abordagem Clínica**. pp. 35-48, Belo Horizonte: Fumec, 2001.

_____. O âmago da discussão: da sociologia do indivíduo à sociologia do sujeito. **Cronos**. v. 6, n. 2, p. 59-77, 2005.

_____ ; RODRÍGUEZ MÁRQUEZ, S; TARACENA RUÍZ, E. **Historia de vida. Psicoanálisis y Sociología clínica**. México: Universidad Autónoma de Querétaro, 2006.

_____. **Gestão como doença social**: ideologia, poder gerencialista e fragmentação social. Tradução de Ivo Storniolo. Aparecida: Ideias & Letras, 2007.

_____. (1996) **Les sources de la honte**. Nouvelle édition. Sociologie Clinique. Paris : Desclée de Brouwer, 2008.

_____. **Qui est « je » ?** Sociologie Clinique du sujet. Paris : Éditions du Seuil, 2009.

_____. **Travail, les raisons de la colère**. Paris: Éditions du Seuil, 2011.

_____. Postface. In : NIEWIADOMSKI, C. **Recherche biographique et clinique narrative**: Entendre et écouter le sujet contemporain. pp. 255-260, Sociologie Clinique. Paris: Érès, 2012.

_____ ; HANIQUE, F. Conclusion. In : GAULEJAC, V.; HANIQUE, F.; ROCHE, P. (Orgs.) **La sociologie clinique**: enjeux théoriques et méthodologiques. pp. 361-369, Toulouse : Érès, 2012.

_____ ; HANIQUE, F.; ROCHE, P. (Orgs.) **La sociologie clinique: enjeux théoriques et méthodologiques.** Toulouse : Érès, 2012.

_____ ; ROCHE, P. Introduction. In : GAULEJAC, V.; HANIQUE, F.; ROCHE, P. (Orgs.) **La sociologie clinique: enjeux théoriques et méthodologiques.** pp. 13-26, Toulouse : Érès, 2012.

_____. La direction de thèse : comment transmettre la clinique ? In: V. GAULEJAC; F. GIUST-DESPRAIRIES; A. MASSA, (Orgs.) **La recherche clinique en sciences sociales.** pp. 279-292. Sociologie Clinique. Toulouse : Érès, 2013.

_____ ; GIUST-DESPRAIRIES, F.; MASSA, A. (Orgs.) **La recherche clinique en sciences sociales.** Sociologie Clinique. Paris: Érès, 2013.

_____ ; LEGRAND, M. (Orgs.) **Intervenir par le récit de vie: entre histoire collective et histoire individuelle.** Sociologie Clinique. Paris : Érès, 2013.

_____ ; HANIQUE, F. **Le capitalisme paradoxant: un système qui rend fou.** Paris: Éditions du Seuil, 2015.

_____ ; COQUELLE, C. (Orgs.) **La part de social en nous: sociologie clinique et psychotérapies.** Toulouse : Érès, 2017.

_____. Epistémologie de l'intervention Socioclinique. In: VANDEVELDE-ROUGALE, A.; FUGIER, P. (Orgs.) **Dictionnaire de Sociologie Clinique.** pp. 252-256. Toulouse : Érès, 2019.

GREMAUD, A. P.; VASCONCELLOS, M. A. S.; TONETO JUNIOR, R. **Economia brasileira contemporânea.** ed. 3. São Paulo: Atlas, 1999.

GRENFELL, M. **Pierre Bourdieu: conceitos fundamentais.** Tradução de Fábio Ribeiro. Petrópolis: Vozes, 2018.

GUNDEMEBA, N. The Idea of a University: A Sociological Study of a National University in India. **Journal of Sociology And Social Anthropology.** v. 6, n. 1, p. 99-112, 2015.

GURDIN, J. B. Clinical Sociology in France and Quebec: A Primer and Commentary, Part I. **Clinical Sociology Review.** v. 4, n.1, p. 46-56, 1986.

HALL, M. C. Narrative as Vital Methodology in Clinical Sociology. **Journal of Applied Sociology/ Sociological Practice.** v. 23, n. 1, p. 53-67, 2006.

HALLEUX, M.; LOICQ, F. Le "je" professionnel entre identité individuelle et identité collective. In : GAULEJAC, V.; LEGRAND, M. (Orgs.) **Intervenir par le récit de vie: entre histoire collective et histoire individuelle.** Sociologie Clinique. pp. 90-115, Paris : Érès, 2013.

HANIQUE, F. **Le sens du travail**. Chronique de la modernisation au guichet. Paris: Érès, 2004.

HARARI, Y. N. **21 lições para o século 21**. Tradução de P. Geiger. São Paulo: Companhia das Letras, 2018.

HASHIMOTO, F. Escuta psicossociológica: o encontro com o/do indivíduo no espaço do trabalho. **Revista Espaço Acadêmico**. v. XVIII, n. 209, p. 56-64, 2018.

HOLDEN, W.; NADEAU, K.; PORIO, E. **Ecological Liberation Theology: Faith-Based Approaches to Poverty and Climate Change in the Philippines**. Manila: Springer Briefs in Geography, 2017.

HOULE, G. Le sens commun comme forme de connaissance: de l'analyse clinique en sociologie. **Sociologie et Sociétés**. v. 19, n. 2, p. 77-86, 1987.

INCIOGLU, I. De la transmission de la mémoire à la transmission d'une approche. In : GAULEJAC, V.; GIUST-DESPRAIRIES, F.; MASSA, A. (Orgs.) **La recherche clinique en sciences sociales**. pp. 191-200. Sociologie Clinique. Paris: Érès, 2013.

INSTITUTO BRASILEIRO DE GEOGRAFIA E ESTATÍSTICA (IBGE) **Pesquisa Nacional por Amostra de Domicílios Contínua - Segundo Trimestre de 2019**. Indicadores IBGE. 28 de Agosto de 2019. Acesso em 17 de novembro de 2019. Disponível em: https://biblioteca.ibge.gov.br/visualizacao/periodicos/2421/pnact_2019_2tri.pdf

INSTITUTO DE PESQUISA ECONÔMICA APLICADA (IPEA). Carta de Conjuntura. **Mercado de Trabalho**. Seção VIII, n. 44, 3º trimestre de 2019. Acesso em 18 de novembro de 2019. Disponível em: http://www.ipea.gov.br/portal/images/stories/PDFs/conjuntura/190918_cc_44_mercado_de_trabalho.pdf

JAQUES, E. **The changing culture of a factory**. (2. imp.) Londres: Tavistock Publications LTD, 1952.

_____. The Method of Social Analysis in Social Change and Social Research. **Clinical Sociology Review**. v. 1, n.1, p. 50-58, 1982.

KETS DE VRIES, M. F. R.; MILLER, D. Relações de transferência na empresa : confusões e atritos no processo decisório. In: CHANLAT, J. F. **O indivíduo na organização: dimensões esquecidas**. Tradução de Ofélia de Lanna Sette Torres. pp. 103-122, v. 2, São Paulo: Atlas, 1993.

KLAYMAN, J. Varieties of Confirmation Bias. **Psychology of Learning and Motivation**. v. 32, n. 1, p. 385-418, 1995.

LAMBELET, D. Réinvestir le champ de la formation : éclipses et retour de la Psychosociologie? **Connexions**. v. 1, n. 92, p. 165-177, 2009.

LAPLANCHE, J; PONTALIS, J. B. **Vocabulário da Psicanálise**. Tradução de P. Tamen. ed. 4, São Paulo: Martins Fontes, 2001.

LEGRAND, M. La contra-transferencia del investigador en los relatos de vida. **Proposiciones**. v. 1, n. 29, 115-121, 1999.

LÉVY, P. **Ciências clínicas e organizações sociais: sentido e crise de sentido**. Tradução de Eunice Dutra Galery, Maria Emília A. Torres Lima e Nina de Melo Franco. Belo Horizonte: Autêntica/FUMEC, 2001a.

_____. Intervenção como processo. In: MATA MACHADO, M. N.; CASTRO, E. M.; ARAÚJO, J. N. G.; ROEDEL, S. (Orgs.) **Psicossociologia: análise social e intervenção**. pp. 185-210. Belo Horizonte: Autêntica, 2001b.

LEWIS, D.; UYS, T. Protecting whistleblowers at work: A comparison of the impact of British and South African legislation. **Managerial Law**. v. 49, n. 3, p. 76-92, 2007.

LHUILIER, D. Filiações teóricas das clínicas do trabalho. In: BENDASSOLLI, P. F; SOBOLL, L. A. P. (Orgs.) **Clínicas do Trabalho: Novas perspectivas para compreensão do trabalho na atualidade**. pp. 22-47. São Paulo: Atlas, 2011.

LIMA, M. E. A. Novas políticas de recursos humanos: seus impactos na subjetividade e nas relações de trabalho. **Revista de Administração de Empresas**. v. 34, n. 3, p. 115-124, 1994.

LOICQ, F. Le récit de vie centré sur l'heritagi: familial et la trajectoire sociale. **Cahiers de la dépendence**. Numéro 7, especial: Récits de vie et travail social, Malmédy, p. 13-64, 1987.

_____. Faire de l'identité ou entre stratégies narratives et indetitaires dans le cadre du travail social. **Travailler le Social**. v. 1, n. 3, p. 49-72, 1998.

LOURAU, R. (1970) **Análise Institucional**. Tradução de Mariano Ferreira. ed. 3, Petrópolis: Vozes, 2014.

MADRAZO, J. Diálogo com Ana María Araújo. Sociología Clínica, una epistemología para la acción. **Atenea**. v. 1, n. 490, p. 177-189, 2004.

MAISONNEUVE, J. **Introdução à Psicossociologia**. Tradução de L. D. Penna e J. B. D. Penna. São Paulo: Nacional, Universidade de São Paulo, 1977.

MALVEZZI, S. Psicologia organizacional. Da administração científica à globalização: uma história de desafios. In: C. Machado, M. Melo, N. Santos

(Orgs.) **Interfaces da Psicologia**. v. 2, pp. 313-326. Portugal: Universidade de Évora, 2000.

MASALKOV, I. La Sociologie em Russie: le da production académique des connaissances vers une ingénierie sociale. In : GAULEJAC, V.; ROY, S. (Orgs.) **Sociologies Cliniques**. pp. 43-50. Re-Connaissances. Marseille : Hommes et perspectives, 1993.

_____. La sociologie postsocialiste de russie face aux défis ultralibéraux. **Sociologies Pratiques**. v. 1, n. 18, p. 139-153, 2009.

_____. Être sociologue en Russie. **Sociologies Pratiques**. Numero Sociologies d'ici et d'ailleurs. v. 1, n. 3, p. 19-27, 2014.

MASSA, A. S. C. **La sociologie clinique du rap**: La symbolisation dans la construction des jeunes rappers dans leurs espaces de vie. Doutorado em Sociologia Université Paris 7 - Diderot – Sorbonne Paris Cité. Doutorado em Psicologia Universidade Federal Fluminense – UFF. 439f, 2013.

_____. Uma travessia pelo rap: discussões sobre epistemologia clinica. **Trabalho & Educação**. v. 25, n. 2, p. 303-317, 2016.

_____. Implication. VANDEVELDE-ROUGALE ; P. FUGIER (Orgs.) **Dictionnaire de Sociologie Clinique**. pp. 353-355. Toulouse: Érès, 2019.

MATA MACHADO, M. N.; CASTRO, E. M.; ARAÚJO, J. N. G.; ROEDEL, S. (Orgs.) (1994) **Psicossociologia**: análise social e intervenção. ed. 2, Belo Horizonte: Autêntica, 2001.

_____. Intervenção Psicossociológica, Método Clínico, de Pesquisa e de Construção Teórica. **Pesquisas e Práticas Psicossociais**. vol. 5, n. 2. p. 175-181, 2010.

_____. O corpo em discurso: significações imaginárias em épocas e lugares diferentes. **Memorandum**. v. 21, n. 1, p. 147-161, 2012.

MAUSS, M. (1924) **Sociologia e antropologia**. Tradução de Paulo Neves. São Paulo: Cosac & Naify, 2003.

_____. (1925) **Ensaio sobre a dádiva**. Tradução de António Filipe Marques. Lisboa: Edições 70, 2008.

MENEGAZZO, C. M.; TOMASINI, M. A.; ZURETTI, M. M. **Dicionário de Psicodrama e Sociodrama**. Tradução de M. Lopes, M. Carbajal, V. Caputo. São Paulo: Ágora, 1995.

MENOLD, N.; WOLF, C.; BOGNER, K. Design aspects of rating scales in questionnaires. **Mathematical Population Studies**. v. 25, n. 2, p. 63-65, 2018.

MINAYO, M. C. S. **Pesquisa Social: teoria, método e criatividade**. Petrópolis: Vozes, 1994.

MYNATT, C. R.; DOHERTY, M. E.; TWENEY, R. D. Confirmation bias in a simulated research environment: An experimental study of scientific inference. **Quarterly Journal of Experimental Psychology**. v. 1, n. 29, p. 85-95, 1977.

MONTEIRO, R. P.; ARAÚJO, J. N. G. Manicômio Judiciário e Agentes Penitenciários: entre Reprimir e Cuidar. *Psicologia Ciência e Profissão*, v. 38, n. 2, p. 144-158, 2018.

MORAES, T. F.; MORATO, H. T. P. A mobilidade da família: Pesquisa em uma abordagem da Psicossociologia clínica. **Boletim de Psicologia**. v. 61, n. 134, p. 79-92, 2011.

MORATILLA-OLVERA, M. I.; TARACENA RUIZ, E. Vulnerabilidad social y orfandad: trayectoria vital de una adolescente. **Revista Latinoamericana de Ciencias Sociales, Niñez y Juventud**. v. 10, n. 2, p. 841-854, 2012.

MORENO, J. L. **Psicodrama**. Tradução de M. S. Mourão Neto. São Paulo: Cultrix, 1978.

_____. **Fundamentos do psicodrama**. Tradução de M. S. Mourão Neto. São Paulo: Summus, 1983.

MURGUÍA-MIER, S. P.; UNIKEL-SANTONCINI, C.; BLUM-GRYNBERG, B.; TARACENA RUIZ, E. Anorexia nerviosa: el cuerpo y los mandatos sociales-superyóicos. **Revista Latinoamericana de Ciencias Sociales, Niñez y Juventud**. v. 13, n. 2, p. 923-935, 2015.

NAVRIDIS, K. La Sociologie Clinique em Grèce. In : GAULEJAC, V.; ROY, S. (Orgs.) **Sociologies Cliniques**. Re-Connaissances. p. 62-68. Marseille : Hommes et perspectives, 1993.

NERI, M. C. **A escalada da desigualdade – qual foi o impacto da crise sobre a distribuição de renda e da pobreza?** Rio de Janeiro: FGV Social, 2019. Acesso em 18 de novembro de 2019. Disponível em: <https://www.cps.fgv.br/cps/bd/docs/A-Escalada-da-Desigualdade-Marcelo-Neri-FGV-Social.pdf>

NERY, M. P.; COSTA, L. F.; CONCEIÇÃO, M. I. G. O sociodrama como método de pesquisa qualitativa. **Paidéia**. v. 16, n. 35, p. 305-313, 2006.

NIWIADOMSKI, C. **Recherche biographique et clinique narrative: Entendre et écouter le sujet contemporain**. Sociologie Clinique. Paris: Érès, 2012.

NOGUCHI, Y. Clinical Sociology in Japan. In: FRITZ, J. M. (Org.) **International Clinical Sociology**. pp. 72-81. New York: Springer, 2008.

NUNES, C. G. F. Cidadania: complexa relação de afinidade com a democracia. **Cadernos Feministas de Economia e Política**. v. 5, n. 1, p. 31-44, 2009.

_____. SILVA, P. H. I. Rumo a um novo mercado: uma abordagem sociológica do comércio justo e solidário. **Mercado de Trabalho**. v. 49, n. 1, p. 67-77, 2011.

_____. A arte de trabalhar. **Lamparina Revista de Ensino do Teatro**, v. 1, n. 3, p. 57-69, 2014.

_____; SILVA, P. H. I. A Sociologia Clínica no Brasil. **Revista Brasileira de Sociologia**. v. 06, n. 12, p. 181-199, 2018.

ORGANISATION FOR ECONOMIC COOPERATION AND DEVELOPMENT (OECD). **Under Pressure: The Squeezed Middle Class**. Paris: OECD Publishing, 2019.

OLIVEIRA, C.; SALOMÃO, K.; FONSECA, M.; FLACH, N. A economia dos apps. **Locomotiva, pesquisa e estratégia**. Pesquisa encomendada pela Revista Exame. Publicada em 17 de abril de 2019. Acesso em 17 de novembro de 2019. Disponível em: https://0ca2d2b9-e33b-402b-b217-591d514593c7.filesusr.com/ugd/3d9e82_430595dd43b24eecb422a54c4a0f2d9c.pdf

OVERLAND, G. J. (Org.) **Sociology at the Frontiers of Psychology**. Cambridge Scholars Press, 2006.

_____. **Post Traumatic Survival: The Lessons of Cambodian Resilience**. Newcastle: Cambridge Scholars Press, 2013.

PAGÈS, M. Diagnostic ou thérapeutique en orientation et en sélection professionnelle. **BINOP**, n. 3, v. 1, p. 99-111, 1952.

_____. Éléments d'une sociothérapie de l'entreprise. **Hommes et techniques**. n. 169, p. 158-170, 1959.

_____. (1965) **L'orientation non-directive en psychothérapie et en psychologie sociale**. ed. 4, Bordeaux: Art CRU, 2005.

_____. (1968) **La vie affective des groupes**. Esquisse d'une théorie de la relation humaine. Paris: Dunod, 1984.

_____; BONETTI, M.; GAULEJAC, V.; DESCENDRE, D. **L'emprise de l'organisation**. Paris: Presses Universitaires de France, 1979.

_____. **Trace ou sens.** Le système émotionnel. Hommes et Groupes Editeurs, 1986.

_____; BONETTI, M.; GAULEJAC, V.; DESCENDRE, D. **O poder das Organizações.** Tradução de M. C. P. Tavares e S. S. Favatti. São Paulo: Atlas, 1987.

_____. **Psychotérapie et complexité.** Paris : Desclée de Brouwer, 1993.

_____; BONETTI, M.; GAULEJAC, V.; DESCENDRE, D. **L'emprise de l'organisation.** ed. 7. Nouvelle réédition. Bruxelles: Éditions de l'Université de Bruxelles, 2019.

PALMADE, J. Mas Weber. In: BARUS-MICHEL, J.; ENRIQUEZ, E.; LÉVY, A. **Dicionário de Psicossociologia.** Tradução de Maria do Rosário Paiva Boléo. pp. 446-453, Lisboa: Editora Climepsi, 2005.

PALMADE, G.; PALMADE, J. Identificação. In: BARUS-MICHEL, J.; ENRIQUEZ, E.; LÉVY, A. **Dicionário de Psicossociologia.** Tradução de Maria do Rosário Paiva Boléo. pp. 110-124, Lisboa: Editora Climepsi, 2005.

PERETTI, A. Carl Rogers (1902-1987). In: BARUS-MICHEL, J.; ENRIQUEZ, E.; LÉVY, A. **Dicionário de Psicossociologia.** Tradução de Maria do Rosário Paiva Boléo. pp. 424-433, Lisboa: Editora Climepsi, 2005.

PÉRILLEUX, T.; CULTIAUX, J. (Orgs.) **Destins politiques de la souffrance.** Sociologie Clinique. Toulouse: Érès, 2009.

PINTO, B. O. S.; CARRETEIRO, T. C. O. C.; RODRIGUEZ, L. S. Trabalhando no "entre": a história de vida laboral como método de pesquisa em Psicossociologia. **Farol Revista de Estudos Organizacionais e Sociedade**, v. 2, n. 5, p. 976-1022, 2015.

PORIO, E. Global householding, gender, and filipino migration: a preliminary review. **Philippine Studies: Historical and Ethnographic Viewpoints**. v. 55, n. 2, p. 211-242, 2007.

_____. Vulnerability, Adaptation, and Resilience to Floods and Climate Change-Related Risks among Marginal, Riverine Communities in Metro Manila. **Asian Journal of Social Science**. v. 389, n.1, p. 425-445, 2011.

_____; DATOR-BERCILLA, J.; NARISMA, G.; CRUZ, F.; YULO-LOYAGA, A. Drought and urbanization: the case of the philippines: methods, approaches and practices. In: RAY, B.; SHAW, R. (Orgs.) **Urban Drought Emerging Water Challenges in Asia**. pp. 183-208. Sigapore: Springer Nature, 2019.

PRESTES MOTTA, F.; FREITAS, M. E. (Orgs.) **A vida psíquica da organização**. Rio de Janeiro: Fundação Getúlio Vargas, 2000.

PUJOL, A. Contribuciones de la(s) clínica(s) del trabajo a los estudios de innovación y empleo en Argentina. **Atas I Congresso Universitario Latinoamericano de Investigaciones Interdisciplinarias en Salud Mental**. p. 02-11. Rosario: Centro de Estudios Interdisciplinarios de la UNR, 2010. Acesso em 07 de agosto de 2019. Disponível em: https://www.researchgate.net/publication/266735197_Contribuciones_de_las_clinicas_del_trabajo_a_los_estudios_de_innovacion_y_empleo_en_Argentina

_____. Calidad de trabajo/calidad de empleo: perspectivas posibles para la delimitación de un problema de investigación. In: NOCETTI, M. R.; PAULÍN, H. (Orgs.) **Coloquio de Investigación Cualitativa**. Subjetividades y Procesos sociales. pp. 41-52. Córdoba: Universidad Nacional de Córdoba, 2011.

_____. Ocupaciones y biografías: el uso de la noción de trayectoria en los estudios del trabajo. **Aristeo - Revista de investigaciones y aplicaciones en psicología del trabajo**. v. 1, n. 2, p. 02-20, 2012.

_____. Colectivo de trabajo, actividad y subjetividades: una mirada clínica. In MENDES, A. M.; MORAES, R. D.; MERLO, A. R. C. (Orgs.). **Trabalho e sofrimento**: práticas clínicas e políticas. pp. 155-176. Curitiba: Juruá, 2014.

RAMALHO, C. M. R. **Psicodrama e Dinâmica de Grupo**. Aracajú: Editora IGLU, 2010.

RAUEN, F. J.; OLIVEIRA, L. A. Jogos de improviso: quando uma cena falha em deflagrar o riso. **Letrônica**. v. 5, n. 2, p. 62 -73, 2012.

REBACH, H.; BRUHN, J. (Orgs.) **The handbook of Clinical Sociology**. New York: Plenum, 1991.

RHÉAUME, J. SÉVIGNY, R. Pour une sociologie de l'intervention en santé mentale. **Santé Mentale au Québec**. v. 13, n. 2, p. 95-104, 1988.

_____. Clinical Sociology in Québec: when Europe meets America. In: FRITZ, J. M. (Org.) **International Clinical Sociology**. pp. 36-53, New York: Springer, 2008.

RIGAS, A.; PAPADAKI, A. Psychosocial Interventions and the Rehabilitation of Drug Users in Greece. In: FRITZ, J. M. (Org.) **International Clinical Sociology**. pp. 115-134. New York: Springer, 2008.

_____; TRIANTAFYLLIDOU, S. Identité et subjectivité: l'usage d'ecstasy en Grèce. **Connexions**. v. 1, n. 89, p. 131-146, 2008.

RIZET, S. De la reconnaissance de l'implication du chercheur à sa mise au travail. In: V. GAULEJAC; F. HANIQUE; A. MASSA (Orgs.) **La sociologie clinique** : enjeux théoriques et méthodologiques. pp. 325-340. Toulouse : Érès, 2012.

RODRIG, D. **A globalização foi longe demais?** Tradução de Magda Lopes. São Paulo: Editora Unesp, 2011.

ROESLER, V. R. **Posso me aposentar de verdade, e agora?** Contradições e ambivalências vividas no processo de aposentadoria de bancários. Tese de Doutorado. Universidade Federal de Santa Catarina. Centro de Filosofia e Ciências Humanas. Programa de Pós-Graduação em Psicologia, 310f, 2012.

ROSSETTI, C. C.; ARAUJO, J. N. G. . Resistência e criatividade: experiências de subjetivação e saúde no trabalho de médicos do SUS, em Belo Horizonte. **Psicologia em Revista**. v. 23, n. 1, p. 387-404, 2017.

ROUCHY, J. C. Entretien Avec Jean Claude Rouchy: Les pionniers français de l'intervention psychosociologique en entreprise. **Connexions**. n. 92, v. 2, p. 11-28, 2009.

SAND, H. P. Clinical Sociology and Moral Hegemony. **Avances in Applied Sociology**. v. 3, n. 7, p. 253-257, 2013.

SANKHUAR, M. L.; YADAV, R. S.; SHUKLA, R. K.; SINGH, D.; ANSARI, R. W.; PANT, A. B.; PALMAR, D. ; KHANNA, K. Monocrotophos induced oxidative stress and alterations in brain dopamine and serotonin receptors in young rats. **Toxicology and Industrial Health**. V. 32, n. 3, p. 422-436, 2016.

SARTRE, J. P. **Saint Genet**: Comédien et martyr. Paris : Gallimard, 1952.

_____. **Critique de la raison dialectique**. Bibliothèque des idées. Paris : Gallimard, 1960.

SCHROFF, F.; KALENICHENKO, D.; PHILBIN, J. FaceNet: A Unified Embedding for Face Recognition and Clustering. **IEEE Conference on Computer Vision and Pattern Recognition (CVPR)**, p. 815-823, 2015.

SÉVIGNY, R. Intervention psychosociologique: réflexion critique. **Sociologie et Sociétés**. v. 9, n. 2, p. 7-33, 1977.

_____. Social welfare policy: social rehabilitation of psychiatric patients in urban china. **International Journal of Social Psychiatry**. v. 50, n. 3, p.241–261, 2004.

_____; LOIGNON, C. A esquizofrenia na China: a experiência de Lu Lu. **Psicologia em Revista**. v. 11, n. 18, p. 159-177, 2005.

_____. Sociologie clinique et schizophrénie en Chine post-maoïste: l'expérience de Lu Lu. **Sociologie et sociétés**. v. 41, n. 1, p. 125-158, 2009.

_____; CHEN, S.; CHEN, E. Y. Personal Experience of Schizophrenia and the Role of Danwei: A Case Study in 1990s Beijing. **Culture, Medicine and Psychiatry**. v. 1, n. 33, p. 86-111, 2009.

_____; SHEYING, C.; CHEN, E. Y. Explanatory Models of Illness and Psychiatric Rehabilitation: a Clinical Sociology Approach. **Qualitative Sociology Review**. v. 6, n. 3, p. 63-80, 2010.

SHINDLER, M. « Prendre le taureau par les cornes » controverses autour de l'effet thérapeutique en Sociologie Clinique. In : FORTIER, I.; HAMISULTANE, S.; RUELLAND, I.; RHÉAUME, J.; BEGHDADE, S. **Clinique en sciences sociales** : sens et pratiques alternatives. pp. 115-128. Québec: Presses de l'Université du Québec, 2018.

SILVA, P. H. I. **O que fazemos do que fazem de nós**: trajetórias sociais e militância entre os catadores de materiais recicláveis no Brasil. Doutorado em Sociologia. Programa de Pós-Graduação em Sociologia da Universidade de Brasília. 227f, 2015.

SHUMPETER, J. A. s (1911). Teoria do desenvolvimento econômico. Coleção Os Economistas. São Paulo: Abril Cultural, 1982.

SIQUEIRA, M. V. S. DIAS, C. A.; MEDEIROS, B. N. Solidão e trabalho na contemporaneidade: As múltiplas perspectivas de análise. **Revista de Administração Mackenzie**. v. 20, n. 2, p.01-24, 2019.

SPENCER, L. The Expanding Role of Clinical Sociology in Australia. **Journal of Applied Social Science**. v. 3, n. 2, p. 56-62, 2009.

SPOLIN, V. **Jogos Teatrais na sala de aula**: um manual para o professor. São Paulo: Perspectiva, 2008.

TAKEUTI, N. M. **No outro lado do espelho**. Rio de Janeiro: Relumê Dumará, 2002.

_____. Desafios da abordagem socioclínica e biográfica no contexto sociocultural e político brasileiro. In TAKEUTI, N. M.; NIEWIADOMSKI, C. (Orgs.) **Reinvenções do sujeito social: teorias e práticas biográficas**. pp. 74-94. Porto Alegre: Sulina, 2009.

_____; BEZERRA, M. A. Trajetórias de um coletivo jovem: nem só de prática-Gramática da ira... In TAKEUTI, N. M.; NIEWIADOMSKI, C. (Orgs.) **Reinvenções do sujeito social: teorias e práticas biográficas**. pp. 105-125, Porto Alegre: Sulina, 2009.

_____ ; NIEWIADOMSKI, C. (Orgs.) **Reinvenções do sujeito social: teorias e práticas biográficas**. Porto Alegre: Sulina, 2009.

_____ ; BEZERRA, M. A. Sociologia clínica e intervenção comunitária. **Revista Extensão e Sociedade**, v. 1, n. 5, p. 1-14, 2012.

TANG, Y.; SÉVIGNY, R.; MAO, P.; JIANG, F.; CAI, Z. Help-seeking Behaviors of Chinese Patients with Schizophrenia Admitted to a Psychiatric Hospital. **Administration and Policy in Mental Health Services Research**. v. 1, n. 34, p. 101-107, 2007.

TARACENA RUIZ, E. Le travail des enfants au Mexique : la représentation du problème par les différents partenaires sociaux. In: GAULEJAC, V.; ROY, S. (Orgs.) **Sociologies Cliniques**. pp. 177-188. Marseille: Hommes et Perspectives, 1993.

_____. La construcción del relato de implicación en las trayectorias profesionales. **Perfiles Latinoamericanos**, v. 1, n. 21, p. 117-141, 2002.

_____. La sociología clínica: Una propuesta de trabajo que interroga las barreras disciplinarias. **Veredas: Revista del pensamiento sociológico**, Número especial. v. 11, n. 1, p. 53-86, 2010a.

_____. Hacia una caracterización psico-social del fenómeno de callejerización. **Revista Latinoamericana de Ciencias Sociales, Niñez y Juventud**. v. 8, n. 1, p. 393-409, 2010b.

_____. Las familias expulsoras de niños y niñas hacia la calle. **Género y Salud en cifras**. v. 10, n. 1, p. 31-40, 2012.

TAVARES, L. A. T. **A depressão como “mal-estar” contemporâneo: medicalização e (ex)-sistência do sujeito depressivo**. Dissertação de Mestrado, Faculdade de Ciências e Letras de Assis, Universidade Estadual Paulista, 137f, 2009.

TEIXEIRA, M. A. R.; HASHIMOTO, F. Família e escolha profissional: a questão espacial, temporal e o significado dos nomes. **Pulsional: revista de psicanálise**. v. 1, n. 182, p. 63-73, 2005.

TIFFIN, J. **Psicologia Industrial**. Tradução de M. H. S. Cappellato. São Paulo: Ed. USP, 1975.

TURATO, E. R. **Tratado da metodologia da pesquisa clínico-qualitativa**. Petrópolis: Vozes, 2003.

UYS, T.; PATEL, S. On Comparing the Contested Transitions of South Africa and India. In UYS, T.; PATEL, S. (Orgs.) **Exclusion, social capital and citizenship: contested transitions in South Africa and India**. pp.1-30. New Delhi: Orient Blackswan, 2018.

VANDEKERCKHOVE, W.; UYS, T.; REHG, M. T.; BROWN, A. J. Understandings of whistleblowing: Dilemmas of societal culture. In BROWN, A. J.; LEWIS, D.; MOBERLY, R.; VANDEKERCKHOVE, W. (Orgs.) **International Handbook of Whistleblowing Research**. pp. 37-70. Cheltenham: Edward Elgar, 2014.

VANDEVELDE-ROUGALE, A. L'organidrame ou organiscope: un dispositif clinique pour approcher la complexité des organisations. **Interrogations**. v. 1, n°15, p. 01-07, 2012.

_____. **La novlangue maagériale: Emprise et résistance**. Toulouse: Érès, 2017.

_____; FUGIER, P. (Orgs.) **Dictionnaire de Sociologie Clinique**. Toulouse: Érès, 2019.

VANLEHN, K. The Relative Effectiveness of Human Tutoring, Intelligent Tutoring Systems, and Other Tutoring Systems. **Journal Educational Psychologist**. v. 46, n. 4, p. 197-221, 2011.

VIANA BRAZ, M. A reificação das emoções e a negação do sofrimento no trabalho contemporâneo. **Revista Espaço Acadêmico**. v. 1, n. 19, 2018.

_____; HASHIMOTO, M. Significações imaginárias sociais e novos modos de sofrimento no trabalho. **Gerais: Revista Interinstitucional de Psicologia**, v. 11, n. 2, p. 339-362, 2018.

_____. **Paradoxos do Trabalho: as faces da insegurança, da performance e da competição**. Curitiba: Appris, 2019.

_____; CASADORE, M. M.; HASHIMOTO, F. Intervenção em Psicossociologia: a construção da escuta e a implicação nas organizações. **Psicologia em Estudo**. v. 25, n. 1, no prelo, 2020.

VILELA, T.; BARROS, V. A. O acerto de contas no trabalho do tráfico de drogas varejista. **Gerais: Revista Interinstitucional de Psicologia**, v. 9, n. 2, p. 34-48, 2016.

WAN, A. H.; WAN, P. M. Clinical Sociology and Community Mediation: Training Grassroots Leaders in Multiethnic Malaysian Communities. In FRITZ, J. M. (Org.) **International Clinical Sociology**. pp. 208-227. New York: Springer, 2008.

WEBER, M. (1905) **A ética protestante e o espírito do capitalismo**. ed. 4, São Paulo: Martin Claret, 2009.

_____. (1956) **Economia e Sociedade**: Fundamentos da Sociologia Compreensiva. vol. 1, Revisão e organização por Johannes Winckelmann. Tradução de Regis Barbosa e Karen Elsabe Barbosa. Brasília: Editora UNB, 1991.

WROLLI, R. Número de bancários doentes dispara em oito anos. **SP bancários**. Sindicato dos Bancários e Financieiros de São Paulo, Osasco e Região. Acesso em 11 de novembro de 2019. Disponível em: <https://spbancarios.com.br/02/2019/numero-de-bancarios-doentes-dispara-em-oito-anos>

YZAGUIRRE, F.; CASTILLO MENDOZA, C. A. La perspectiva de la sociología clínica: una sociología de proximidad orientada al sujeto. **Actas del XI Congreso Español de Sociología**. Crisis y cambio: propuestas desde la sociología. pp. 832-840. GT 22 Psicología Social, 2013.

ZABALA, X.; GUERRERO, P.; BESOAIN, C. (Orgs.) **Clínicas del trabajo**: Teorías e intervenciones. Santiago de Chile: Ediciones Universidad Alberto Hurtado, 2017.

ZAUDERER, M. G.; GUCALP, A.; EPSTEIN, A. S.; SEIDMAN, A. D.; CAROLINE, A.; GRANOVSKY, J. F.; KEESING, J.; LEWIS, S. CO, H.; PETRI, J.; MEGERIAN, M.; EGGEBRAATEN, T.; BACH, P. KRIS, M. G. Piloting IBM Watson Oncology within Memorial Sloan Kettering's regional network. **Journal of Clinical Oncology**. v. 32, n. 15, e17653, 2014.

ZULUETA, J. O. Living as migrants in a place that was once home the nisei, the us bases, and okinawan society. **Philippine Studies**. v. 60, n. 3, p. 367-390, 2012.

_____. When death becomes her question: death, identity and perceptions of home among Okinawan women return migrants. **Mortality**. v. 21, n. 1, p. 52-70, 2016.